CRÍTICA URBANA

REVISTA DE ESTUDIOS URBANOS Y TERRITORIALES

Mayo 2021. Año IV. Número 18

VIVIR EN LA CALLE

Invisibilización y causas estructurales se suman en la extrema exclusión social en nuestras ciudades: el sinhogarismo.

ÍNDICE

3
MARICARMEN TAPIA
La calle, sin vivienda ni ciudad

4
ISABEL CRISTINA RODRIGUES; FABÍOLA CORDOVIL
Povos indígenas, direito às cidades e justiça social

8
MARCELO CORTI
La maldita calle

11
CRISTINA BOTANA
La disidencia sobrevenida de habitar lo público

15
JOSÉ LÚCIO; FILOMENA MARQUES
No limite e na esperança. Viver na rua

18
IGNACIO ÁLVAREZ; SONIA MASES
Calle y jóvenes migrantes: entre la exclusión y la resiliencia

21
ROBERTO CASTRO-THOME
Nómadas urbanos, economía precaria con la casa a cuestas

25
ANTONIO RAFAEL MARCHEZAN FERREIRA
GENIANE DIAMANTE FERREIRA FERREIRA
Invisible borders, where pop is not pops

28
ADRIANA AZEVEDO DA ROCHA
MARCO ANTONIO DA ROCHA
Tornar visível a população em situação de rua, condição para a garantia de seus direitos

32
JOSIMAR PRIORI
A vida nas ruas em Maringá. Um relato etnográfico

36
ANA LUCIA RODRIGUES
JÚLIA FERNANDA MARIOTTO CASINI
Vozes que ecoam nas ruas da cidade canção.Uma análise da população em situação de rua em Maringá

Foto de la portada: Jorge Alvarado, en Unsplash.

Número coordinado por
Fabíola Castelo de Souza Cordovil

40
ROSALÍA MACÍAS TARRÍO
Mulleres, senfogarismo e saúde mental

43
LAURA CRUZ LÓPEZ; ROBERTO SUÁREZ BRANDARIZ
Cartografía social do dereito ao hábitat na cidade da Coruña

47
ANAI ADARIO HUNGARO; ANA LÚCIA RODRIGUES;
MAGDA LÚCIA FÉLIX DE OLIVEIRA
Quem são as pessoas em situação de rua?

51
JOSÉ JESÚS CENDÁN VERDES; VANESSA MÍGUEZ MARTÍN;
LORENA RILO PÉREZ
Personas sin hogar, una cuestión de derechos

54
PLÁCIDO LIZANCOS; XAQUÍN LIZANCOS
Artefactos para a vida na rúa atopados na cidade de Maputo

56
RODRIGO BURGOS ZAUTZIK
La Población

LA CALLE, SIN VIVIENDA NI CIUDAD

Maricarmen Tapia
Directora de Crítica Urbana

COHABITAMOS a diario con personas que malviven en nuestras ciudades. Se *mimetizan* en los espacios cotidianos, entre luces destellantes, climatización y tentadores escaparates. Son los habitantes a los que el diseño arquitectónico y la planificación urbana omite, expulsa, castiga.

El sinhogarismo es una situación integral de transgresión de los derechos de las personas, agudizado por características socioculturales de discriminación. Sinhogarismo es el término que se utiliza para las personas que viven en las calles. *European Typology of Homelessness and Housing Exclusion* (ETHOS, 2010) distingue seis situaciones referidas a las condiciones y el tipo de refugio en que estas personas se encuentran, y que van desde las que viven en calles o espacio público, sin refugio que se pueda definir como vivienda, hasta personas sin hogar que viven temporalmente en una vivienda convencional de familiares o amigos. Estas categorías no incorporan a las personas que viven en vivienda inadecuada.

Causas del sinhogarismo

La invisibilidad del sinhogarismo es aprendida: dejamos de ver a una persona que sufre la extrema exclusión social. Las concepciones reduccionistas sobre aquello que no queremos ver conducen a la estigmatización y habilitan la violencia hacia "ellos" por "otros".

En contra de las ideas estigmatizadoras de las causas del sinhogarismo, diversos estudios reflejan que sus principales causas son la pérdida del trabajo, la incapacidad de pago de la vivienda, sufrir violencia en el hogar, los problemas familiares y la incapacidad de acceder a una vivienda. Menos de un 30% corresponde al abuso de sustancias, enfermedades mentales o problema relacionados con la justicia. Es por ello que se habla de causas sistémicas y estructurales. Más allá de las políticas paliativas, algunas organizaciones trabajan y demandan una intervención efectiva y la prevención de estas situaciones. Con el fin de interrumpir el ciclo de exclusión, los programas *housing first*, hogar primero, han demostrado ser una de las acciones más eficientes a mediano y largo plazo.

El sinhogarismo crece en el "primer mundo"

A partir de la crisis económica e inmobiliaria de 2008, el sinhogarismo aumentó en toda la Unión Europea a excepción de Finlandia. Según la *European Federation of National Organisations Working* (FEANTSA, 2017), algunos de los países donde este aumento ha sido más alarmante son Irlanda, con un aumento del 59 % de familias sin hogar; Holanda con un aumento del 50 % de jóvenes sin hogar en un año; Luxemburgo con un aumento de 61 % de adultos viviendo en acomodación en los últimos cuatro años; en Francia se elevó más del 50 % en los últimos 11 años; Dinamarca tuvo un aumento del 85 % de jóvenes sin hogar en los últimos seis años; Alemania tuvo un aumento del 35 % en sin hogar en los últimos dos años, mientras que en Grecia el aumento fue del 71 % de personas que fueron forzadas a vivir en las calles en los últimos cinco años.

En España, es difícil tener una idea nítida de la realidad: los datos, con casi 20 años de antigüedad y que sólo tienen en cuenta la población sin hogar atendida en centros asistenciales de alojamiento y restauración, contabilizan 22.938 personas, la mitad ellos con hijos (INE, 2012).

El aumento del sinhogarismo muestra la creciente desigualdad y la brecha entre las necesidades ciudadanas y las capacidades de las administraciones públicas para garantizar el derecho a la vivienda. Pone en crisis la planificación y las políticas llevadas a cabo hasta ahora, que, además, hoy se enfrentan a procesos globales de especulación y captura de la vivienda y el suelo urbano, en los procesos de financiarización.

POVOS INDÍGENAS, DIREITO ÀS CIDADES E JUSTIÇA SOCIAL

ISABEL CRISTINA RODRIGUES
FABÍOLA CORDOVIL

Até o começo dos anos 2000, a presença indígena nas cidades do Paraná não era muito percebida pelos não indígenas, pois não era nem intensa e nem frequente. Essa realidade começou a mudar e a vinda para as cidades se intensificou a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF), que garantiu aos povos indígenas o direito de cidadania e outros direitos políticos e civis, conforme prescritos nos artigos 210, 231 e 232[1].

COM ISSO, os registros de circulação e presença de indígenas nas cidades intensificou-se, pondo fim ao estado jurídico da tutela, sendo esse resultado fruto do intenso processo de organização indígena, de luta e de resistência empreendido por esses povos no período pós contato com os povos europeus que ocuparam o Brasil, a partir do século XVI e seguintes.

A presença indígena no Paraná e nas cidades

Os dados censitários da última pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE), de 2010 comprovam que existem 305 etnias no Brasil, somando em torno de 817 mil pessoas, falantes de 274 línguas, sendo que 60 % desses povos vivem na zona rural e 40 %, na zona urbana. No estado do Paraná, os dados populacionais são da ordem de 25.915 habitantes, sendo 15.552 residentes em 39 Terras Indígenas (T.Is.) e os demais habitando os centros urbanos. Esses indígenas habitantes no estado são pertencentes a 3 etnias: Kaingang, Guarani e Xetá, algumas famílias de Xokleng e algumas de Fulniô. A etnia Kaingang registra em torno de 12 mil pessoas, sendo maior número de habitantes e a terceira etnia em número populacional no Brasil[2].

1. BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
2. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

O processo histórico de expropriação e do "território vazio" do Norte do Paraná

Quando se trata de território, é preciso deixar claro que as terras destinadas aos indígenas no Paraná sofreram um processo histórico de expropriação que as submeteram à lógica capitalista da expansão da fronteira agrícola, principalmente com o avanço da cafeicultura nos anos 1920 a partir do estado vizinho, São Paulo. A incorporação das áreas de plantio foi acompanhada pela extensão do canal rodoferroviário e fundação de cidades. A restrição da mobilidade dos povos indígenas, especialmente dos Kaingangs, se constituiu numa afronta aos seus costumes e modos de vida.

Nas novas áreas de exploração capitalista, promovida por empresas privadas, Monbeig[3] relata que os grandes golpes de propaganda evidenciaram a ingenuidade e o ardor dos pioneiros, que eram seduzidos com esperanças de lucros desmesurados. As cidades são preestabelecidas e, juntamente com o plano urbano, as vantagens são enaltecidas para atrair compradores. Enquanto isso, a floresta desaparecia rapidamente e a diversidade da vegetação nativa era exibida em fotografias e em relatos diversos. A supremacia do homem sobre a paisagem "selvagem" a ser civilizada era glorificada. Os índios não são considerados humanos nessas narrativas, segundo Tomazi[4], que demonstra a falácia existente no processo de (re)ocupação da região norte do Paraná. O autor discute o discurso dominante que trata o território como "vazio demográfico e mata virgem", que desqualifica e omite a presença indígena na região. Mostra que só se considera a efetivação da ocupação do território com a chegada da "cultura ocidental cristã". Inúmeras cidades foram construídas atreladas à conquista desse território tido como sem ocupação humana anterior, em áreas de mata atlântica nas quais os indígenas se constituíam, de fato, em habitantes principais.

Algumas das "novas cidades" do imenso território tiveram especialmente a tarefa de se destacar como polos regionais e polos modernizadores ao longo de um eixo rodoferroviário estabelecido para atravessar a vasta área em direção ao oeste. Havia diferenças em termos de escala, localização, de função e, também, de desenho urbano dessas cidades nascidas de um sonho moderno. A produção de sua carga mítica constitui-se em fator importante para atração de pessoas e, também, de expulsão daqueles que não integravam a demanda solvável submetida ao modo de produção que assaltou o território.

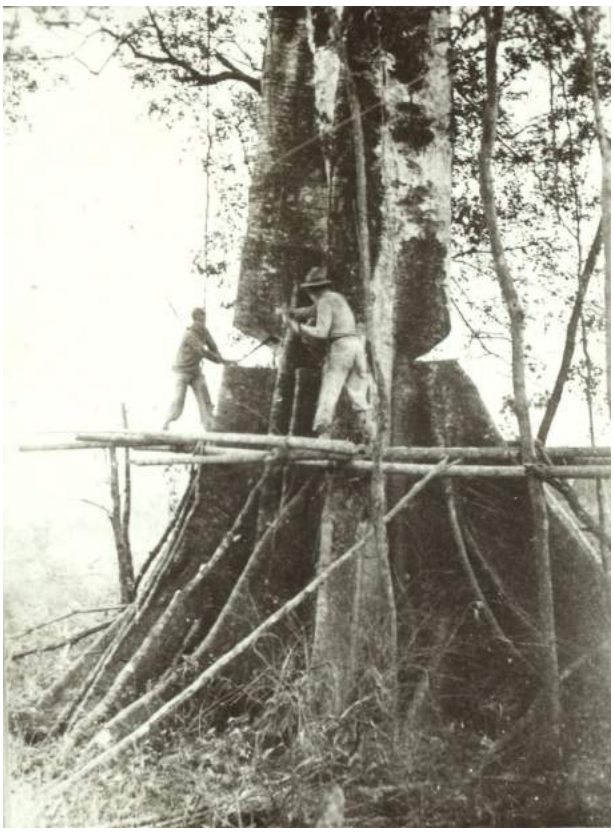
Dentre os polos regionais, Maringá constituiu-se como terra de promissão em um novo território que foi considerado destituído de uma história preestabelecida e de habitantes originais. A política colonizadora realizada por uma empresa privada impôs uma nova realidade, a partir de um processo civilizatório que modificou sobremaneira a paisagem original e introduziu novos problemas e novos programas. No início dos anos 1940, vislumbrava-se em Maringá o lugar onde se poderia implantar um verdadeiro projeto de modernização. Nesse contexto, o projeto urbanístico assumia importância fundamental.

Onde estão os Kaingangs?

Atualmente existem no Paraná 37 Territórios Indígenas (T.I.). e vários acampamentos, tanto na zona rural quanto urbana, aguardando regularização jurídica, das quais os Kaingang residem em cerca de 17 delas. O número de habitantes por T.I. é bastante variado, sendo que a menor tem em torno de 150 e a maior em torno de 5 mil pessoas. Nas T.Is. maiores existem até 7 aldeias, nas quais residem mais de uma etnia.

Geralmente os habitantes residem próximos aos postos de serviços e espaços de convivência social, comunitária e religiosa, constituídos por: unidade básica de saúde, escolas, igrejas, campo de futebol e quadra esportiva. As formas atuais de organização refletem as configurações sociais, políticas e

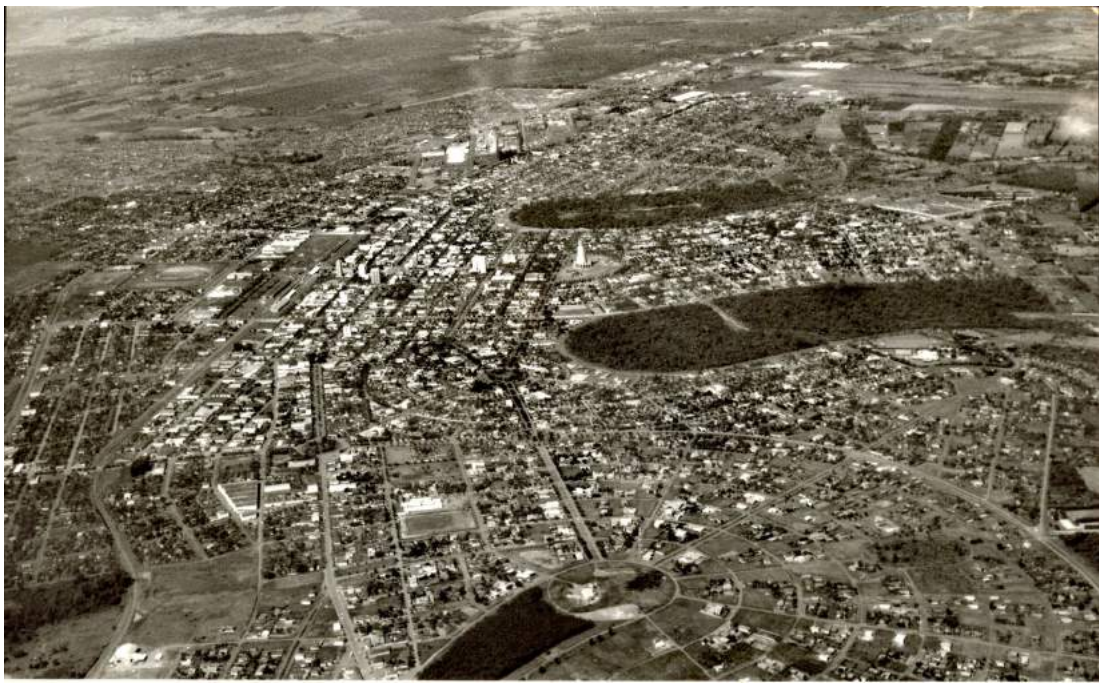
Foto: Derrubada da mata atlântica c. 1940.
Acervo: Museu da Bacia do Paraná.



3. MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1984.

4. TOMAZI, Nelson. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo B.; GONÇALVES, José H. R. Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999.

A cidade moderna em construção. Maringá. 1972. Acervo: Museu da Bacia do Paraná.



cosmológicas dos diferentes períodos históricos vividos por eles, a partir do contato com os povos não indígenas, nas quais as unidades político-territoriais autônomas antes existentes – *emãs* e toldos – foram, a partir da década de 1910, com a criação e implantação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), vêm sofrendo mudanças drásticas nas suas formas de organização social, política, territorial que, além de outras mudanças, promoveu a concentração das moradias próximas aos postos de serviço e sob o olhar e controle dos chefes de postos, que eram servidores do SPI.

A partir dessas mudanças na vida social interna e com o loteamento privado dos territórios antes pertencentes a esse e a outros grupos indígenas no estado, suas liberdades de mobilidade foram sendo cada vez mais reduzidas e suas saídas controladas pelo SPI e, posteriormente, pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), órgão tutelar que substituiu o anterior, gerando a perda da autonomia e uma situação de dependência político-administrativa, retomada com vigor a partir da promulgação da CF de 1988 que pôs fim à tutela e garantiu aos povos indígenas no Brasil os direitos de cidadania, de gestão de seus territórios, de seus conhecimentos próprios, de educação e saúde.

O território continua sendo a base material sobre a qual se assenta a comunidade kaingang. O povo Kaingang, com seus costumes e seus modos próprios de vida, atravessou parte do século XIX, o século XX e as duas primeiras décadas do século XXI sofrendo ataques, expropriações, mortes, e enfrentou as adversidades de maneira criativa. Os estudos históricos[5] e antropológicos[6] mostram que o violento processo de contato com os colonizadores fóg (brancos) não usurpou deles suas características de pertencimento ao grupo Jê. Os estudos etnográficos reafirmam as classificações antropológicas de pertencimento étnico, entre elas dualismo, patrilinearidade, matrilocalidade e faccionalismo político, presentes na vida cotidiana e constantemente atualizados). É inegável que o violento processo de contato provocou mudanças e rupturas, mas também permanências, que resultaram na apropriação, ressignificação, (re)invenção e atualização de princípios ligados à sua tradicionalidade[7].

Assim as saídas das aldeias para diferentes regiões do estado foram aos poucas retomadas e intensificadas desde o final da década de 1980, e as famílias Kaingang que vêm para Maringá e municípios vizinhos são oriundas das regiões dos vales dos rios Ivaí e Tibagi.

Os direitos à cidade e à vida

A Constituição de 1988 marcou a retomada do estado democrático de direito que, desde o golpe militar de 1964, havia sido abolido. Além da inclusão dos direitos políticos e civis dos indígenas, prescritos nos artigos 210, 231 e 232, a inclusão do capítulo sobre Política Urbana foi fruto de lutas históricas pela reforma urbana no país e estabeleceu que a função da cidade e da propriedade

5. MOTA, Lúcio Tadeu; DA SILVA NOVAK, Éder. *Os Kaingang do vale do rio Ivaí, PR: história e relações interculturais*. Universidade Estadual de Maringá, 2008.

6. VEIGA, Juracilda et al. *Organização social e cosmovisção Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nominação em uma sociedade Je meridional*. 1994.

RODRIGUES, Isabel C. Venh Jykré Sy - *Memória, tradição e costume entre os Kaingang da T.I.Faxinal, Cândido de Abreu – Pr.* PUC/SP, 2012. Tese de doutorado.

7. RODRIGUES, 2012.

deveria ocorrer a partir do plano diretor municipal. A partir disso, em 2001, outro marco jurídico, o Estatuto da Cidade, visou estabelecer mais fortemente as diretrizes para a construção de cidades mais justas e democráticas, contemplando mais significativamente as plataformas do movimento nacional pela reforma urbana, entre elas o Direito à Cidade.

Todavia, apesar das lutas e das conquistas pelo direito à cidadania e aos processos próprios de suas culturas, línguas, educação intercultural e bilíngue, os povos indígenas no Brasil enfrentam dificuldades, sobretudo as relacionadas às questões sócio econômicas e educacionais. No estado do Paraná a realidade desses povos é impactante no tocante aos acessos aos bens materiais e de consumo, bem como à saúde e à educação.

Em Maringá, é comum observar famílias Kaingang presentes nas ruas urbanas, muitas vezes vendendo artesanatos, feitos por eles próprios, nos semáforos, nas feiras livres ou permanecendo e convivendo nas vias públicas em grupos. No entanto, essa convivência mostra-se problemática à medida que as pessoas das cidades nutrem um preconceito oriundo, entre outros fatores, do desconhecimento da história, das culturas e da diversidade dos povos indígenas existentes hoje no Brasil.

É importante entender que a mobilidade dos povos indígenas e dos Kaingang faz parte de sua história e cultura, e que foram em seus percursos que se criaram as cidades modernas soterrando seus habitats iniciais. Portanto, viver e estar temporariamente na cidade faz parte de sua vida, de sua forma de educar as crianças, ensiná-las a serem adultas e do seu direito a estar na cidade.

Reconhecer a diversidade cultural e o direito à cidade dos Kaingang é reconhecer a resistência dos povos indígenas e o enfrentamento à sua destruição pelo modo de vida capitalista.

NOTA SOBRE AS AUTORAS

Isabel Cristina Rodrigues, historiadora, mestre em Educação e doutora em Ciências Sociais e Antropologia pela PUC/SP. Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa do CNPq Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações - Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da UEM (PIESP/LAEE). E-mail: icrodrigues@uem.br

Fabíola Castelo de Souza Cordovil. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela USP e pós-doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como docente pesquisadora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná, Brasil, na área de Urbanismo. Foi chefe de departamento e coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo (2010-2016), e representante da UEM no Conselho Municipal de Planejamento Urbano de Maringá, de 2011 a 2015. Faz parte da equipe de redatores da revista Crítica Urbana. E-mail: fcscordovil@uem.br

Mulher indígena com criança vendendo cestos nas ruas da cidade de Maringá. Fonte: Associação Indigenista ASSINDI. Disponível em: http://www.assindi.org.br/detalhe_noticia/8/pesquisa-de-jornal-da-regi--o-aponta-que-ind--genas-na-cidade-n--o-incomodam..html. Acessado em 13 de abril de 2021.

LA MALDITA CALLE

MARCELO CORTI

Por pudor, hipocresía o espanto, el lenguaje omite formular palabras precisas para designar situaciones que sí lo son. Tenemos palabras como viuda o huérfano, pero ninguna para una madre o un padre que ha perdido un hijo; algo parecido ocurre con quien no tiene casa y vive en la calle (ser arrojado "a la puta calle", a la cochina calle, es la amenaza o el temor de alguien que puede ser desalojado). El inglés aporta el homeless*, que en versión castellana pasa al menos potente "sin hogar". Tenemos también la compleja construcción lingüística "persona de la calle" o la aún más compleja "en situación de calle", que al menos le quita a quien sufre esa carencia el estigma ontológico de* ser *de la calle.*

EN UN AMPLÍSIMO gradiente que va de miserable a opulento, es el espacio privado el que aloja a la mayoría de las personas. Paradójicamente, el recurso de alojarse en el espacio público implica la mayor separación respecto a la sociedad constituida, porque disloca el carácter del lugar y confunde los tiempos de la intimidad y el encuentro. Hay en ese estado simultáneamente la mayor exposición y la menor inclusión o integración (según como se nombre ese objetivo).

Vivir en la favela, en la villa miseria, en la callampa es horrible pero vivir en la calle es peor. Una familia favelada, un villero, alguien de los ranchitos tiene una referencia de donde vive (aunque no pueda darla en una entrevista de trabajo), tiene vecinos que en ocasiones pueden ser hostiles pero las más de las veces son solidarios, puede –con todas las dificultades del caso– reclamar derechos y puede organizarse. No hay (o si los hay, no abundan) colectivos organizados de personas que viven en la calle; sus casos son siempre individuales o a lo sumo familiares, sus derechos se tramitan con la intermediación de personas caritativas u organizaciones altruistas –como los encuentros en estadios de fútbol que organiza la Red Solidaria en Buenos Aires en las noches de mucho frío para ofrecer algo de abrigo y comida caliente. Cada tanto, alguna organización profesional o colectivo de la arquitectura o el diseño convoca algún concurso de ideas para brindarles "soluciones"; las propuestas suelen ser bienintencionadas pero tienden a celebrar o romantizar el problema más que a resolverlo. Vivir en la calle está asociado siempre a individuos aislados y en muchísimos casos con algún problema de adaptación social, sea este la causa o una consecuencia de ese desamparo.

El equipaje –o el mobiliario, según se entienda– es mínimo. Un colchón desvencijado o sus restos de poliuretano, alguna manta o bolsa para cubrirse, unas bolsas con cacharros y alguna pertenencia personal. Para cubrirse de la lluvia puede servir una improvisada carpa de nylon o un par de chapas abandonadas en un barrio pobre de la ciudad o la techumbre brindada por un puente. Una estrategia "superadora" es buscar el balcón o la marquesina que proteja de la lluvia en un barrio de gente pudiente que, además, pueda aportar alguna comida caliente o un billete. Algún bar que no prohíba el uso del baño, algún vecino o vecina que adopte al hombre o la mujer sin hogar como cliente, en la acepción más clásica del término. Los "requisitos" para vivir en la calle son, según se mire, muy pocos o excesivamente cuantiosos; si es por lo necesario, Diógenes el Cínico solo necesitaba que no le taparan el sol, las personas que viven en la calle renuncian en cambio a todo lo material y a gran parte de lo inmaterial. Si hubieran tenido esa cantidad de cosas de la que carecen, podríamos decir que la gastaron para vivir en la calle (una vez más, se confirma que no hay nada más caro que ser pobre: hay que privarse de muchas cosas para serlo...).

Hay alternativas ingeniosas. Poco después de la crisis argentina de 2001/2 se conocieron historias de gente que se había asentado en el Aeroparque de Buenos Aires, con climatización, baños disponibles y alimentos sobrantes en los patios de comidas. Los *shopping center* permiten trayectorias similares de 8 a 22 horas; una vestimenta razonable rescatada de épocas más prósperas y una conducta discreta ayudan a obtener la tolerancia de la seguridad y la administración.

Otras diferencias: las villas miseria tienen una revista propia, La Garganta Poderosa, con sede en la Zabaleta porteña y buena cantidad de periodistas que surgieron de las propias villas. La revista es la voz de las villas. Las personas en situación de calle tienen la ayuda de algunos medios, como Hecho en Buenos Aires o la cordobesa La luciérnaga, que pueden vender en las calles como recurso para tener un ingreso y acceder a una instancia primaria de socialización y a veces incluyen entrevistas a esos vendedores o vendedoras.

Como en toda situación deficitaria de vivienda, a veces la calle es una alternativa transitoria, ocasional, una estrategia extrema, no necesariamente producto de haber sido "echado a la calle". Es ahorrar el costo y tiempo de un viaje para llegar a un trabajo, o la táctica del migrante mientras consigue allegarse a una familia conocida o conseguir un cuarto barato en una

Foto: Marcelo Corti.

pensión. En la película Bolivia, de Adrián Caetano, un camarero de restaurante recién llegado a la ciudad paga un peso por tomar un café y el subsiguiente derecho a dormir reclinado sobre la mesa de un bar.

Según el Centro de Estudios Legales y Sociales (CELS) hacia 2019 (año en que se realizó un Censo Popular a cargo de varias organizaciones) 7.251 personas estaban en Buenos Aires en situación de calle, de las que 870 eran niñas o niños y 1.600 lo estaban por primera vez. Estadísticamente, representan menos del 2 % de las personas con problemas de vivienda en la ciudad, aquellas que viven en villas de emergencia, conventillos, hoteles de mala muerte u otras situaciones de emergencia. ¿Qué implica esta particularidad estadística? En principio, muy poco, al menos desde la mirada de las disciplinas que intervienen en el hábitat y la ciudad y en las políticas públicas que atienden esos temas. La resolución del problema de la vivienda requiere la aplicación de diversas políticas: de gestión de suelo, de urbanización, de provisión pública, de producción social. No es distinta la solución para quien vive en una villa miseria que para quien vive en una vereda –en todo caso es distinta la urgencia, aunque no tan distinta... Luego de eso y una vez que vivamos en una ciudad justa donde el acceso a la vivienda ya no sea un problema, si queda gente en la calle será tema de otras disciplinas y de otras políticas.

NOTA SOBRE EL AUTOR

Marcelo Corti. Arquitecto (UBA) y urbanista (UBA, Universidad de Barcelona). Director de la editorial y revista Café de las ciudades. Director de la Maestría en Urbanismo FAUD-UNC. Integra el Estudio Estrategias y la red de consultores La Ciudad Posible.

Foto: Jon Tyson en Unsplash.

LA DISIDENCIA SOBREVENIDA DE HABITAR LO PÚBLICO

CRISTINA BOTANA

Vivir en la calle en nuestro modelo urbano es estar expuesto a diversidad de violencias. Habitar lo público está muy lejos del poético flâneur *de Baudelaire y del sujeto anticapitalista de Benjamin. Podemos identificar al menos tres sistemas de violencia hacia las personas que viven en la calle: la violencia estructural, ejercida por las instituciones y el sistema económico; la social, ejercida por el conjunto de la sociedad; y la espacial, representada por la hostilidad y las dinámicas de expulsión de los espacios públicos.*

QUIZÁS UNA de las primeras cuestiones a tener en cuenta es diferenciar las nociones de sinhogarismo y persona sin techo, que tienden a tratarse como sinónimos. Las personas categorizadas como 'sin techo' son aquellas que viven en la calle sin disponer de otro refugio que el espacio público, personas que pernoctan en albergues o centros de alojamiento, pero sin un lugar habitual donde vivir.

El concepto 'sin hogar' incluye a todas aquellas personas que no disponen de una vivienda adecuada porque están acogidas o residen en alguna institución; y aquellas que habitan en alojamientos inseguros, donde existe un alto riesgo de ser expulsada del hogar (desahucios, ocupaciones, alquileres o cesiones en precario...) o donde se dan situaciones de violencia. Además, también son personas sin hogar aquellas que residen en infraviviendas, asentamientos precarios o en situaciones de hacinamiento y 'camas calientes'.

La diversidad de situaciones que determinan el sinhogarismo es tan amplia que resulta imposible establecer una cifra fiable que aproxime su incidencia sobre la población. Tan sólo se obtienen resultados diferenciales consultando varios servicios municipales, investigaciones académicas y entidades sociales o institucionales. La invisibilización de muchos de estos fenómenos, así como la intensa temporalidad y rotación identificadas en ellos, dificultan la realización de un diagnóstico completo. Estaríamos hablando de varios miles tan sólo en Galicia. En términos de infravivienda, y atendiendo a los resultados obtenidos durante la investigación que vengo desarrollando, hay identificada una población superior a las 4080 personas habitando en asentamientos precarios. A esta cifra, según los criterios citados, habría que sumar aquellas cuya tenencia sobre el hogar que habitan está amenazada.

Foto: Cristina Botana.

La calle como expresión de las relaciones de poder en la ciudad

Los procesos por los que una persona llega a encontrarse en situación de calle son diversos y complejos, la mayoría serán estructurales, algunos, personales. Se trata de un fenómeno eminentemente urbano que cada vez afecta más a las mujeres y a población joven. Está imbricado en nuestro modelo actual de ciudad como espacio fuertemente fragmentado y jerarquizado que representa las relaciones de poder. Estas jerarquías reproducen los sistemas de ordenación social propios del capitalismo-neoliberal, el heteropatriarcado y el colonialismo-racismo. En ese sentido, el sinhogarismo es un producto de este sistema excluyente que expulsa todos aquellos elementos que no le generan plusvalías o no contribuyen a su hegemonía.

Recientemente, un ministro español explicaba la negativa del gobierno a regular el precio de los alquileres aseverando que, si bien la vivienda era un derecho, también era un bien de mercado. Por tanto, continuará siendo un valor de cambio al que solo podrán acceder quienes participen del juego capitalista o quienes puedan destinar más de la mitad de sus ingresos al hogar; en algunas capitales españolas la tasa de esfuerzo es aún mayor. Lo cierto es que la precarización sostenida del mercado laboral y la falta de control público sobre el precio de la vivienda hace que muchas de las políticas de realojo o de acceso a vivienda estén cada vez más lejos de la realidad cotidiana. No existen alternativas reales para garantizar el acceso a un hogar seguro más allá de actuaciones provisionales y de emergencia. En este escenario de violencia estructural es en el que debemos aproximarnos a la problemática del sinhogarismo.

Vivir en la calle y la percepción predelictiva

Ocupar el espacio público es, cada vez más, un acto político. Los cuerpos y las existencias en general que no ostentan la hegemonía, esa que es definida como 'normalidad', son percibidos como problemáticos y se activan lógicas de exclusión y expulsión. Cuando situamos el foco en quien duerme en la calle tendemos a pensar en un fracaso individual cuando deberíamos asumir que es el sistema socioeconómico el que fracasa y empuja a las personas al colapso y el abandono.

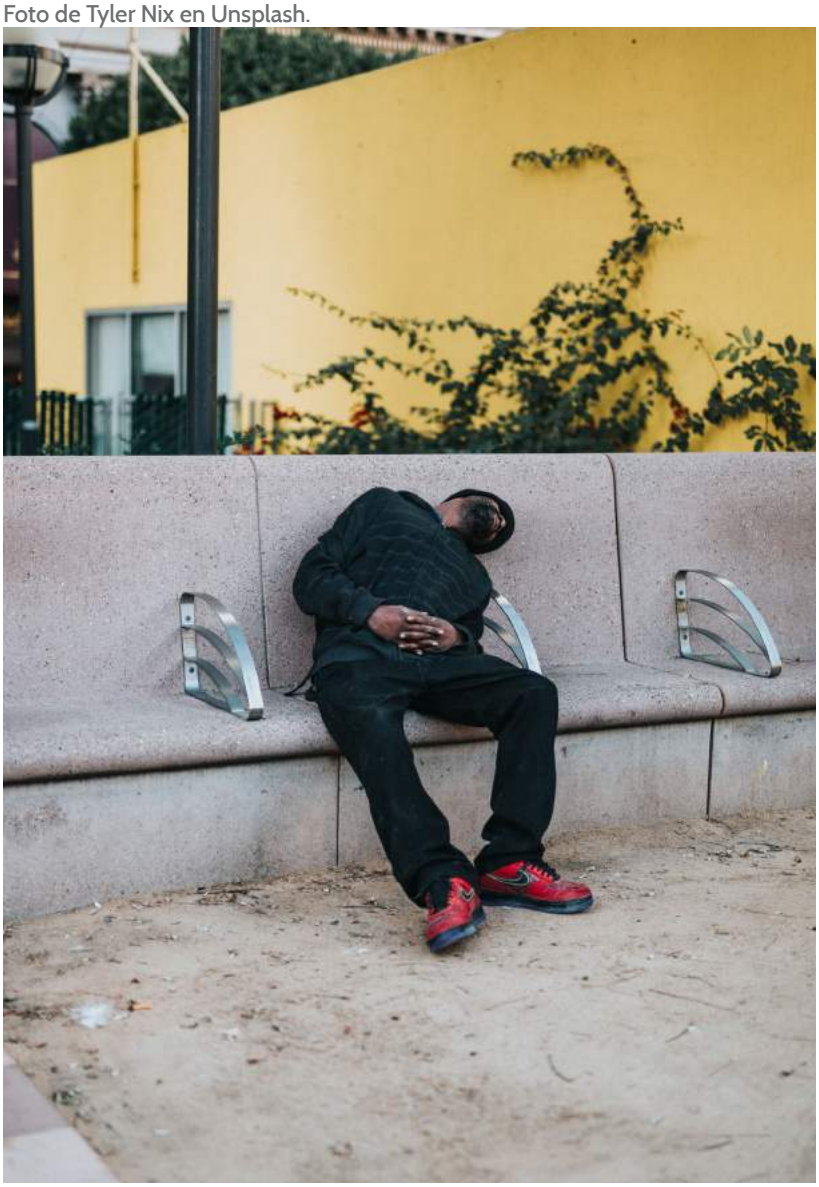
La violencia social sobre estas personas se expresa mediante las ausencias de reconocimiento y de

humanidad, o de forma directa a través de agresiones y vejaciones. Entre dichas ausencias está la deshumanización aplicada a través de la mirada que situamos, o que eludimos, sobre ellas. Se nos ha enseñado a no mirar, y esto nos conviene, porque reparar en una persona viviendo en la calle nos interpela, exige una reacción, nos cuesta continuar nuestro camino, conscientes de no haber hecho nada al respecto. También nos hace pensar, nos lastima porque sabemos que evidencia las secuelas de nuestro sistema, ese en el que sobrevivimos o del cual nos privilegiamos a veces, unos más que otras. Pero al esquivar esta mirada les negamos, atravesamos el espacio que ocupan como si no existieran, haciéndoles parecer invisibles.

Las personas que viven en la calle son depredadas y violentadas con regularidad. Según las cifras estadísticas oficiales (INE, 2012) más del 40 % de la población en situación de calle ha sido agredida en alguna ocasión, a cerca del 62 % le han robado dinero, documentación u otras pertenencias y más del 65 % (71 % entre las mujeres) ha sido objeto de insultos y amenazas por parte del resto de la población.

Estas violencias tienen una afección especial en las mujeres en situación de calle, que además sufren el riesgo de sufrir violencia sexual. El 24 % de ellas, según estos datos a nivel estatal, ha sufrido algún tipo de agresión sexual. Según un reciente estudio de la Universidad de Santiago de Compostela, el 71 % de las mujeres en situación de calle son víctimas de violencia de género. En dicho estudio se profundiza en las casuísticas de dichas violencias, que pueden ser las que deriven en el abandono del hogar o producirse una vez se encuentran viviendo en la calle. Lo que queda constatado es la relación asociante entre el sinhogarismo y la violencia de género.

Foto de Tyler Nix en Unsplash.



La violencia estructural y la social se acoplan a menudo cuando se plantea la intervención con una persona sin techo que rehúsa acceder a los recursos que ofrece el ayuntamiento. Los motivos para esta resistencia, de nuevo, pueden ser múltiples y difíciles de comprender; algunos de los albergues disponibles obligan al cumplimiento de ciertas exigencias o son de carácter religioso, lo que disuade a usuarios potenciales. En otros casos surgen problemáticas derivadas del hecho de compartir determinados espacios y con las carencias generalizadas de una perspectiva de género en estos servicios. Las personas trabajadoras en el ámbito evidencian que una de las carencias habituales en recursos es la diversidad y la flexibilidad para adaptarse a las circunstancias y los ritmos de cada proceso personal.

En la ciudad de A Coruña, donde la población sin techo se sitúa entre las 30 y 40 personas 'fijas', han trascendido a los medios varios casos a partir de la alarma vecinal ante la presencia continuada de personas sin techo, que se niegan a ser reubicadas en un servicio municipal. El discurso social se ha instalado, de manera preocupante, en peticiones de intervención judicial para forzar el ingreso de estas personas. Pretendemos articular un discurso paternalista y

actuar sobre ellas con el argumento de que "es por su bien", pero lo que de verdad molesta no es su pobreza o sus motivos para vivir en la calle, lo que molesta es su presencia en los espacios que consideramos nuestros, porque nos interpela directamente. No sólo evidencia las consecuencias del sistema socioeconómico en que vivimos: nos convierte en cómplices. También es, en sí misma, una muestra peligrosa de disidencia.

Debería alarmarnos la predisposición social a exigir la actuación judicial para incapacitar a una persona por vivir en la calle y negarse a acceder a recursos de asilo o refugio. Personalmente, esta alerta tal vez tenga que ver con el hecho de ser mujer y, por lo tanto, objetivo histórico de injerencias médico-jurídicas destinadas a anular mi voluntad y libre autonomía personal. Continuamos naturalizando la patologización de los comportamientos que escapan al patrón de valores percibido como 'normal'. En el discurso habitual sobre este tema se ha instalado la creencia peligrosa de que se puede anular tu libertad como sujeto jurídico porque sí, porque tu existencia resulta molesta.

¿De quién se defiende la "arquitectura defensiva"?

Por último, hay otras violencias indirectas, ejercidas a través de la hostilidad con que se resuelven o modifican los espacios urbanos para dificultar el descanso y la pernocta de personas. Hace tiempo que se acuñó el concepto de arquitectura defensiva en el diseño urbano, aunque esta tendencia se está renombrando como arquitectura hostil, lo que se ajusta mucho más a sus objetivos reales.

Es cada vez más común ver bancos individuales en los espacios públicos, o bancadas a las que se les han instalado apliques para evitar que alguien se tumbe, cuando no se instalan diseños de bancos pensados específicamente para ser incómodos e impedir el descanso más allá de unos minutos, como el infame *Camden Bench* de Londres.

Al ambiente cada vez menos acogedor para el desarrollo de la vida cotidiana, precaria o no, en el espacio público se une la retirada generalizada de fuentes públicas de agua potable y aseos, especialmente en áreas turísticas.

El derecho al espacio público, como al hogar, se ha consolidado como valor de mercado, sujeto a sus leyes y reservado a aquellas personas que participen de él.

¿Qué hacer cuando el hogar es la calle pero la calle tampoco ampara?

NOTA SOBRE LA AUTORA

Cristina Botana es arquitecta por la UDC, máster en Ciudad y urbanismo por la UOC. Actualmente realiza su tesis doctoral en la Escuela de Arquitectura de A Coruña (ETSAC) sobre los asentamientos precarios en el contexto gallego y su relación con el modelo de ciudad hegemónico. Colaboradora con ONGDs comprometidas con el derecho al hábitat durante la última década y cofundadora del Colectivo Anomias, grupo de acción e investigación sobre cuestiones urbanas y derecho a la ciudad.

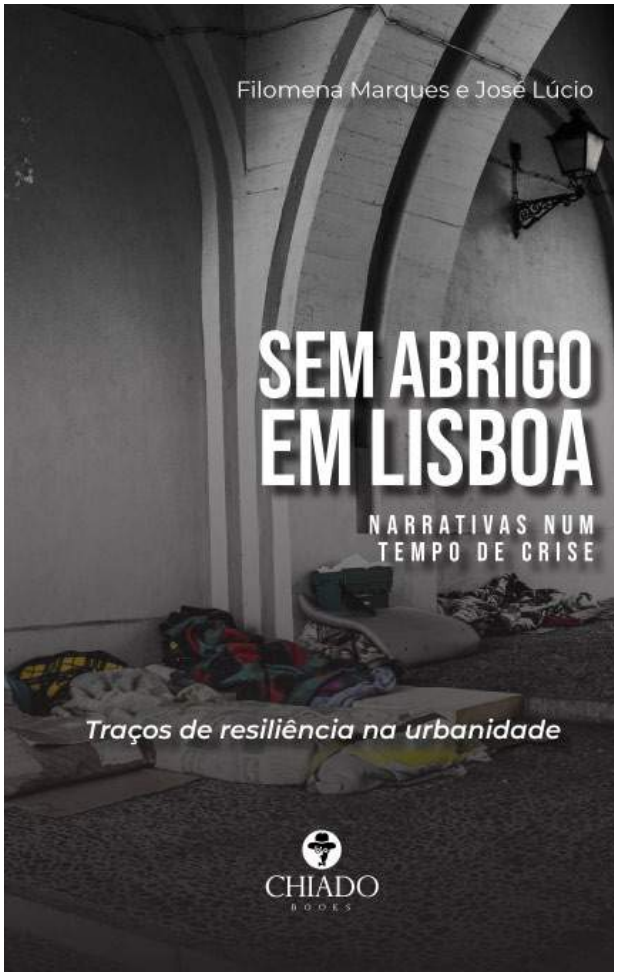
NO LIMITE E NA ESPERANÇA. VIVER NA RUA

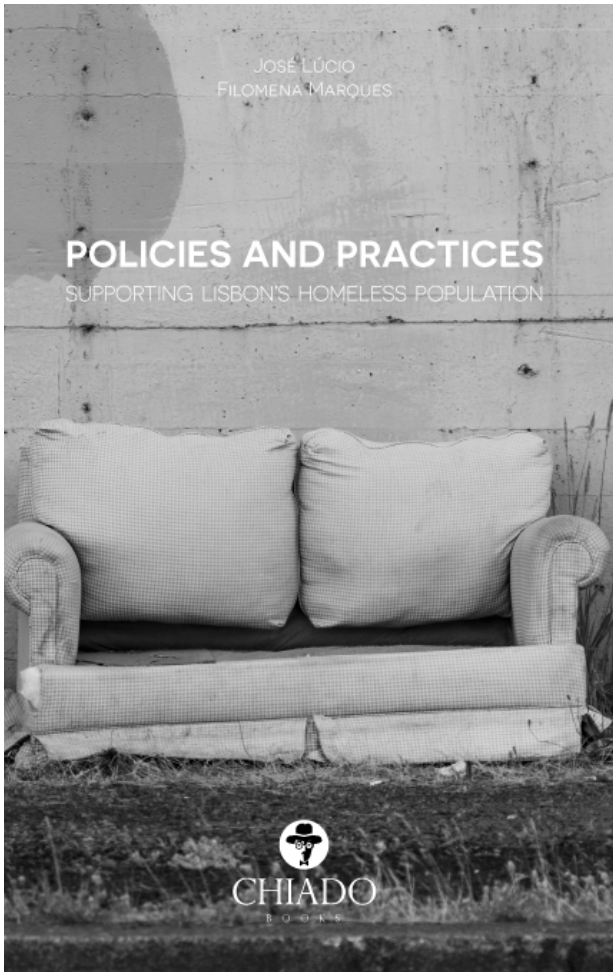
JOSÉ LÚCIO
FILOMENA MARQUES

Quando pensamos sobre trajetos de vida marcados pela pobreza, desintegração social, vivências prolongadas na rua, imediamente vem ao nosso espírito a questão-chave: porquê? Sim, porquê? Como é possível que no século XXI, ainda persistam situações em que um cidadão se vê forçado a permanecer, por vezes por longos períodos, como sem-abrigo.

OS TRAJETOS de rua têm um elemento comum: o desapossamento, ou como mencionou um autor, o desfiliamento. Porque é de privação que se fala, quando se fala de ser sem-abrigo. A vida na rua não tem graça nenhuma. Nenhuma mesmo. Não existe poesia, quando a avenida, a rua, a praça são o nosso quarto, o nosso último refúgio. E no entanto... a Comunidade continua a falhar quando se trata destes pobres muito particulares. Para que não restem dúvidas, viver na rua é o "fim da linha". Depois disso, o que existe? Uma sombra espessa que tudo cobre, tudo esconde. E no meio dessa obscuridade, permanece uma palavra, sofrimento. Que ninguém se iluda sobre este facto, a privação causa sofrimento: físico, psicológico, emocional. Se tantas coisas nos incomodam, por que motivo estas vidas perdidas, não nos comovem da mesma forma? Provavelmente porque a noite, onde estes trajetos se revelam, tudo consegue esconder e fazer cair no vazio da memória.

Um ponto interessante a relevar é a profusão de estudos sobre sem-abrigo. Assim, não será pela ausência de interesse da investigação que os problemas que afectam este grupo particular permanecem e continuam longe de uma resolução próxima da definitiva. Do que sabemos dos trajetos de vida dos que habitam as ruas, poderão existir quatro causas principais que contribuem para a situação de sem-abrigo: pobreza persistente, distúrbios de comportamentos, empobrecimento das redes sociais e perda de habitação acessível. Acresce, ainda, a este cenário os designados "factores estruturais" que se relacionam com elementos associados à organização da sociedade, tais como condições de emprego e do mercado habitacional, e políticas públicas, como as da saúde e da segurança social e os "factores individuais" nomeadamente o que se refere a perturbações psiquiátricas, défices educacionais e profissionais, desafiliação e identificação cultural. Existem, ainda, outros





elementos potenciadores de risco que fazem uma pessoa tornar-se sem-abrigo, tais como conflitos, fim de relações, abuso físico e sexual, falta de qualificações, desemprego, consumo de álcool e drogas, problemas de saúde mental e do foro judicial, ou seja, com o sistema de justiça criminal (prisões), endividamento, falta de uma rede de suporte social; institucionalização ou morte de um progenitor durante a infância.

Outras abordagens têm sido feitas, mais centradas na natureza dos problemas, que afectam os sem-abrigo, sugerindo e propondo três diferentes níveis de explicação:

- Ser sem-abrigo como uma opção de vida (decisão consciente em rejeitar a vivência numa casa convencional);
- Ser sem-abrigo devido a problemas patológicos (doença mental, droga/alcoolismo...);
- Ser sem-abrigo como consequência de acontecimentos ou circunstâncias negativas (violência doméstica, incapacidade financeira para manter um alojamento...).

Importa mencionar que, de acordo com estimativas recentes, pelo menos 80 % da população sem-abrigo da Cidade de Lisboa sofre de problemas incluídos na segunda e terceira causas. Desta realidade podem-se retirar, imediatamente, duas conclusões: em primeiro lugar é muito reduzido o número de cidadãos que habita nas ruas por decisão própria, ou seja, estamos a falar de indivíduos que, podendo até viver num alojamento, preferem permanecer ao relento, tendo apenas o céu como o seu teto. Em segundo lugar, o facto de a imensa maioria da população sem-abrigo se incluir nas duas últimas categorias, determina que as soluções para os problemas sociais e habitacionais de que padecem, terão sempre de envolver algum grau de voluntarismo político e um profundo espírito de solidariedade.

Assim e neste último ponto, o argumento reside no facto de que o aparecimento de pessoas sem-abrigo está intrinsecamente ligado às políticas que afectam o bem-estar das famílias, particularmente das mais pobres. Isto inclui as políticas relacionadas com a distribuição de rendimentos, com a habitação, com o emprego, com a educação, com o abuso de substâncias e com a saúde mental. Deste

modo, a prevenção de situações de sem-abrigo terá que passar necessariamente por mudanças nessas políticas. Neste sentido, é a própria capacidade do sistema em corrigir a desigualdade que aqui está em causa. O que remete para a primeira parte do texto: podemos manter, em permanência, no contexto de sociedades de grande riqueza, situações indignas e iníquas. Ignorar não é solução. Ter conhecimento e nada fazer é inaceitável. Haja lugar à Esperança e ao Esforço Transformador, isto é, àquele que projecta as comunidades rumo a um futuro melhor, mais digno e humano.

Para saber mais

MARQUES, Filomena e LÚCIO, José *Sem-Abrigo em Lisboa: narrativas num tempo de crise*, Lisboa, Chiado Books, 2018, ISBN - 978-989-52-4807-0

LÚCIO, José e MARQUES, Filomena *Policies and Practices Supporting Lisbon's Homeless Population*, Chiado Books, 2019, ISBN: 978-989-52-7041-5

LÚCIO, José e MARQUES, Filomena (2020) Sem-abrigo: entre a teoria e a realidade vivida na Cidade de Lisboa, in *Revista Rediteia*, nº 52: A Habitação como um Direito, Porto, EAPN, 2020, pp. 81 – 96, ISSN - 1646-0782.

NOTA SOBRE O AUTOR

José Lúcio. Professor Auxiliar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Membro Integrado do Centro Interdisciplinar em Ciências Sociais – CICS-NOVA. Linhas de Investigação: Pobreza, Geoeconomia, Desenvolvimento, Geopolítica.

NOTA SOBRE A AUTORA

Filomena Marques. Licenciada em Sociologia, Mestre em Gestão do Território – Território e Desenvolvimento e Curso de Doutoramento, no ramo de Geografia e Planeamento Territorial, especialidade em Território e Desenvolvimento, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Investigadora no Centro Interdisciplinar em Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa – CICS-NOVA. Áreas de interesse e investigação: pobreza, exclusão social, geografias da austeridade.

CALLE Y JÓVENES MIGRANTES.

ENTRE LA EXCLUSIÓN Y LA RESILIENCIA

IGNACIO ÁLVAREZ; SONIA MASES
València Acull

Puede que la gente viva en la calle por varios motivos, en la mayoría de los casos porque no tienen alternativa. Aunque parezca que es imposible vivir en la calle, encuentras gente que te ayuda y gente que te lleva por el mal camino, pero eso depende de quién eres y qué eliges.
Sadok, 20 años

"Buscarse la vida" supone un concepto lleno de significado cuando le preguntas a un joven que ha migrado solo, sin referentes adultos. Sobre todo, si en ese "buscarse" ha tenido que vivir en la calle, pero también de la calle.

ES AHÍ DONDE se genera una dualidad. Jóvenes solos en la calle, excluidos, vulnerados, invisibilizados y asimismo jóvenes acompañados por (sus) iguales, creciendo en resiliencia.

El estudio *Personas Jóvenes en extutela y/o riesgo de exclusión social*, llevado a cabo por Cruz Roja, afirma que el 10,4 % de los jóvenes menores de 24 años extutelados o en riesgo de exclusión social vive en la calle o en situación de gran vulnerabilidad. Un hecho que, en el caso de jóvenes migrados, marca de manera destacada su proyecto migratorio. En Valencia venimos detectando en los últimos años el aumento de jóvenes en situación de calle. A pesar de no disponer de cifras exactas, desde las diferentes entidades y colectivos que trabajan con personas migrantes y personas sin hogar, se detecta un incremento de atenciones con jóvenes menores de 20 años en situación de calle.

València Acull, como colectivo que trabaja por la defensa de las personas migrantes, dispone de un dispositivo de alojamiento para personas migrantes en situación de vulnerabilidad, ocupado desde hace ya años principalmente por jóvenes menores de 23 años. Los datos de nuestros dispositivos nos muestran cómo en 2017, el 13 % de personas atendidas representaban este perfil, mientras que en 2018 eran un 25 %, en 2019 un 60 % y actualmente un 100 %.

La experiencia nos dice que el trabajo que se realiza con estos jóvenes responde a un modelo burocratizado, lleno de trampas. En ningún momento atiende sus intereses. Los jóvenes pasan por distintos centros, muchas veces enviados de uno a otro, sin tener en cuenta criterios de arraigo al territorio, y muchos de ellos refiriendo experiencias negativas. Después de haber estado excesivamente institucionalizados y muchas veces hiperinfantilizados, cuando cumplen 18 años quedan fuera del sistema que los ha protegido, con un permiso para poder residir en el país (algunos ni siquiera con este "privilegio") pero no para trabajar, por lo que cuando afrontan las renovaciones de los permisos de

residencia y les son pedidos medios económicos, no los pueden demostrar. Este círculo vicioso provoca que la mayoría de estos jóvenes queden en situaciones de gran vulnerabilidad y exclusión, en la calle y en régimen administrativo irregular. Es ahí cuando estos jóvenes, como también los jóvenes que migran solos y no han sido tutelados, pasan a formar parte de los "invisibles", de esas personas que nos hemos acostumbrado a ver en nuestras ciudades, en los parques, en los cajeros, en las colas de los recursos. Una normalización social que provoca cronificación, como si estos jóvenes en colchones desvencijados fueran parte del paisaje, las condiciones de infravivienda un lujo y madurar a golpes de calle algo inevitable. La normalización de la deshumanización es el síntoma del fracaso de una comunidad de protección, basada en el respeto de los derechos humanos y en la concordia de sus integrantes.

Los jóvenes relatan cómo pasan noches enteras esperando la posibilidad de ser alojados en algún recurso, ante la incapacidad de las instituciones de dar respuesta a las necesidades de estos colectivos. Uno de los aspectos más dramáticos de esta realidad es que ha sido interiorizada y asumida por los propios jóvenes, que se ven abocados a la calle. Una situación que puede afectar a su salud mental.

Actualmente el modelo de atención para evitar que se encuentren en la calle prioriza estancias cortas en centros con multitud de plazas y diversidad de perfiles, en las que es imposible atender sus necesidades específicas como personas y como colectivo, en perjuicio de pisos como el dispositivo de València Acull, con pocas plazas y una atención integral, donde el protagonista es la propia persona. La ausencia o carencia de recursos económicos y de red familiar hace que los pisos de emancipación sean esenciales a la hora de cubrir las necesidades más básicas de vivienda, así como las relacionadas con los trámites de documentación y con la autonomía y el desarrollo personal y profesional.

Todos estos supuestos tienen que ver con una mirada técnica de vivir en la calle, de buscarse la vida allí, pero nos urge, como profesionales, como colectivo y como sociedad, tener una mirada inclusiva, que integre las vivencias y saberes de los propios jóvenes, que viven en primera persona el cruce de fronteras y la vida en la calle. No es raro escuchar en nuestro trabajo diario el discurso de chicos para los que la calle es sufrimiento, pero también refugio. En demasiadas ocasiones estos jóvenes se han visto obligados a pasar temporadas en la calle, tanto en los países de origen como en los procesos migratorios. Así pues, la calle es

Foto: Sadok Rawafi.

Foto: Sadok Rawafi.

un elemento cargado de dualidad, algo a evitar, pero también libertad, esperanza, oportunidad, un lugar donde encontrar a gente que te acompaña en el camino. Para menores o jóvenes que viajan y migran solos, tejer una red de personas iguales es lo más parecido a tener una familia. Como sociedad y como entidad debemos potenciar esa construcción de redes y debemos sacarlas de la marginalidad y la vulnerabilidad que condena a estos jóvenes.

Los jóvenes hablan de fortalecimiento y de resiliencia en situaciones en las que las entidades solo vemos drama. Sin embargo, la calle, la exposición a las políticas de inmigración represivas y el racismo institucional también les afecta de manera significativa. La soledad, el deterioro de la salud, la apatía, la desconfianza o la violencia son algunas de las consecuencias de la vida en desarraigo y de este abandono o mala práctica institucional que los condena a un callejón sin salida.

En la situación actual de crisis habitacional que estamos padeciendo, se hace más necesario que nunca la necesidad de políticas públicas en las que la vivienda deje de ser un activo y sea un derecho humano. La acogida de menores y jóvenes migrantes, la falta de plazas de alojamientos para evitar situaciones de sinhogarismo y los fallos del sistema de acogida son reivindicaciones históricas de los colectivos sociales.

Es necesario cambiar la prioridad de atender políticas para las personas sin hogar, porque la prioridad tiene que ser que las personas no acaben durmiendo en la calle. Se necesitan políticas públicas como la regulación del mercado del alquiler, gravar patrimonio neto de forma adecuada o promover el uso de viviendas vacías y de parque público de vivienda. Medidas que las entidades sociales tenemos el deber de exigir y para las cuales los poderes públicos deben rendir cuentas.

Pero la experiencia nos demuestra que no es suficiente. Urge una tipología de vivienda social específica para las personas sin hogar y los jóvenes migrantes, sean extutelados o no, porque muchas veces no solo se necesita un techo. Las situaciones de exclusión y el racismo institucional requieren de otras soluciones y otro tipo de servicios, vinculados a un acompañamiento integral para estos jóvenes, a los que pedimos que se independicen diez años antes que la media de ciudadanos españoles y los cuales en muchas ocasiones solo necesitan un apoyo y un acompañamiento emocional y afectivo, darles aquello que muchas veces se les ha negado: responsabilidad, confianza y cariño.

Porque pensamos que es innegociable construir puentes, no muros, que el migrar es un derecho, que ningún ser humano es ilegal y que la vivienda es un derecho humano esencial.

NOTA SOBRE LA AUTORÍA

Ignacio Álvarez Cárcel. Trabajador social con más de diez años de experiencia con personas sin hogar. Responsable del programa de alojamiento de València Acull (https://valencia-acoge.org/).

Sonia Mases Herrero. Trabajadora social. Máster de Cooperación al desarrollo. Especialidad: movimientos migratorios y codesarrollo. Con más de 12 años de experiencia en proyectos de intervención con menores migrantes. Responsable del programa de Acceso a vivienda y urgencia residencial de València Acull (https://valencia-acoge.org/).

NÓMADAS URBANOS, ECONOMÍA PRECARIA CON LA CASA A CUESTAS

ROBERTO CASTRO-THOME

La película triunfadora en los Globos de Oro y gran favorita de los Oscar nos habla de los supervivientes de la última crisis, obligados a abandonar sus casas y a vivir en la carretera:

Niña: Mi madre dice que no tienes hogar, ¿es verdad?

Frances McDormand: No, no soy vagabunda. Simplemente no tengo espacio para regresar. No te preocupes por mí.

VIENDO la película Nomadland tenemos la posibilidad de experimentar los sentimientos de una persona que pierde la seguridad de un techo, la imposibilidad tanto física como psicológica de volver a tener un domicilio fijo, y una soledad que puede volverse adictiva. Además, podemos adivinar el modelo productivo en que vivimos, marcado, si los fondos europeos y la economía verde no lo remedian, por el precariado, mano de obra de bajo costo y temporeros del sector terciario, las primeras personas en perder el empleo y la capacidad de generar ingresos. El concepto de vulnerabilidad ha venido para quedarse y va a ir a más por la crisis económica que ha generado la pandemia.

Una de cada 10 personas del mundo vive en extrema pobreza. Según el baremo de Naciones Unidas, una persona está en esta situación cuando subsiste con menos de 1,90 dólares diarios. El investigador y fundador de *Our Word in Data*, Max Roser, da la vuelta a las cifras poniendo sobre la mesa un baremo distinto para la pobreza, pero real, que arroja la perspectiva más completa de la cuestión: el 85 % de la población mundial también puede considerarse pobre. *Global poverty in an unequal worl: Who is considered poor in a rich country?*

En Galiza la pandemia ha provocado un aumento del 10 % de la pobreza, según la economista Raquel Sebastián.

Plan de atención a las personas sin hogar

En Galiza disponemos de un "Plan de atención a las personas sin hogar 2019-2023"[1] donde se determinan los cuatro factores de la vulnerabilidad del sinhogarismo: estructurales, personales,

1. Plan de Atención de Persoas sen Fogar en Galicia 2019-2023. https://politicasocial.xunta.gal/sites/w_polso/files/arquivos/programas/plan_atencion_as_persoas_sen_fogar_gal.pdf

relacionales e institucionales, siendo, para mí, esta última la más fácil de acometer y evaluar. En la actualidad contamos con una insuficiente cobertura de servicios, con políticas de apoyo poco coordinadas, con barreras burocráticas y una clara falta de estrategia para afrontar la situación.

Analizar el fenómeno del sinhogarismo, que es el extremo de la exclusión social, es muy complejo sin un enfoque multidimensional, ya que no existe un patrón definido. Sí lo podemos encontrar en lo que lleva a una persona a esa situación, pero no en cómo salir de ella, ya que es profundamente individual y no existe un modelo que se pueda aplicar garantizando su erradicación. No solo los asistentes sociales pueden hacer frente a este fenómeno, se necesitan profesionales de otras materias para acompañar a estas personas y poder ayudarlas cuando comienzan a salir de esta situación.

Aunque lo vemos todos los días en nuestras ciudades, lo consideramos una experiencia que nunca vamos a vivir, sin pararnos a pensar que está aumentando en todas las poblaciones occidentales, pero como no disponemos de cifras concretas por falta de estadísticas, se incrementa la sensación de ser algo muy residual. *Aquello que no vemos no existe.*

En el año 2017, la Facultade de Ciencias da Educación de la UdC realizó un trabajo con 200 estudiantes para dar visibilidad a una realidad que es invisible, *El sinhogarismo en la ciudad de A Coruña*, y lo primero que detectaron fue que los recursos de los que disponen estas personas están en las afueras de la ciudad, donde es difícil llegar, para no verlo y para no responsabilizarnos, debido a que no es sencillo de comprender lo que nos lleva a culpabilizar a las personas que la viven, porque no podemos soportar que existan en ciudades tan avanzadas como la nuestra.

> *Una veintena de indigentes duermen a la intemperie a pesar del toque de queda. La policía les advierte de posibles sanciones, aunque sabe que no pueden pagarlas*. (La Voz de Galicia 05-02-2021).

> *José Ignacio, el sintecho de 60 de años que deambula sin ropa y duerme en la calle de la Torre desde hace meses continúa en el barrio. A la zona donde malvive, en la acera y a la intemperie, se están sumando otros indigentes. «Se juntan para comer y beber. La situación se está volviendo insoportable y ya no podemos aguantar más», dicen los vecinos*. (La Voz de Galicia 09-03-2021).

La encuesta del INE de 2012 cifra en 1.903 las personas sin hogar en Galicia, de las que 371 son mujeres. Según datos de Cruz Roja de 2017, en la comunidad gallega hay 73 centros para las personas sin hogar, entre albergues, comedores y otros recursos, la gran mayoría de gestión privada. Considero que este es el núcleo de la cuestión, sin la existencia de una apuesta decidida de las administraciones públicas será una situación que irá en aumento.

Cartel en un portal de A Coruña. Foto: Pablo Mella.

En la actualidad las organizaciones que abordan este fenómeno no disponen de los medios adecuados para tratarlo, llenas de voluntad, pero sin herramientas efectivas, ni organización eficiente, en la mayoría de casos dependientes de subvenciones o convenios con las administraciones que muchas veces se ven interrumpidas con los cambios en las corporaciones. Lo que supone una gran desconfianza y decepción tanto para los propios usuarios como para los colaboradores en esos proyectos. Un fenómeno en crecimiento como este no puede estar solo atendido por ONG; el modelo que les ha permitido desenvolverse durante décadas resulta ineficiente en la actualidad.

Además, aunque se trata de un fenómeno global, su abordamiento tiene que ser local; como cualquier actuación que se realiza en el sector inmobiliario, las medidas que funcionan en otros territorios no tienen por qué ser efectivas en el nuestro. Como sabemos, la relación que tenemos en Galiza con la propiedad es singular; esa relación, junto con las características

Cartel en parada del autobús en A Coruña. Foto: Roberto Castro-Thome.

demográficas, hace que lideremos los rakings de viviendas vacías. A ello hay que añadir una cultura financiera del ladrillo, a la que somos sometidos diariamente, donde la vivienda es analizada como un activo financiero complementario a la distribución de rentas.

El mercado gallego va por libre, lo constatan múltiples datos. El último lo revela que las ejecuciones hipotecarias sobre viviendas se contrajeron casi a la mitad en 2020 en Galicia. La tendencia marca una estela contraria a la del resto del Estado, donde repuntaron un 37, % según el Instituto Nacional de Estadística.

Un mercado imperfecto no puede dar resultados perfectos

El hecho de existir personas que viven en la calle es un fenómeno estructural que se debe en gran medida a la falta de vivienda social en nuestro país. Desde un enfoque preventivo se hace un llamamiento para reforzar las políticas de vivienda pública de carácter general: una sociedad con disponibilidad de vivienda alcanzable reduce notablemente los riesgos para el sinhogarismo.

España tiene un grave problema con la vivienda. Cuenta con un parque de unas 290.000 viviendas públicas destinadas al alquiler, que dan cobertura al 1,6% de los de hogares, frente al 9,3 % de media en la Unión Europea. De ellas, 180.000 son propiedad de las comunidades y 110.000 de ayuntamientos, según los datos de septiembre de la radiografía con la que trabaja el Ministerio de Transportes, Movilidad y Agenda Urbana (Mitma). El mismo país que fue capaz de construir tantas casas como Alemania, Italia y Francia juntas, carece de un parque de pisos sociales en alquiler que garantice el acceso a colectivos que no tienen acceso al mercado libre. Para remediarlo se necesitan políticas públicas de vivienda con presupuestos sostenidos en el tiempo que generen un parque público de vivienda similar al que existe en Austria y Países Bajos. Y no solo pequeñas medidas efectistas, que colisionan con el derecho a una vivienda digna que reconoce la Constitución española. Para ello, como sociedad tenemos que estar dispuestos a un aumento en el coste fiscal o en redistribuir los recursos de que disponemos.

Un cambio importante de paradigma es el enfoque centrado en el acceso a una vivienda estable. Este es el eje principal del modelo *Housing First*: apostar por la vivienda como solución. Pero como ya se ha probado en Galiza no se trata de un remedio universal. Se necesita tiempo para su implantación con un apoyo estable público, que debe estar presente en la agenda social, acompañada de política coordinada e integradora, no basada en el asistencialismo y la emergencia. Las personas sin hogar están metidas en una escalera y no saben o no pueden llegar al final. El sistema actual se basa en los albergues como primer paso y al final de la escalera la vivienda, cuando debería ser en orden inverso para poder intentar encontrar una solución. *Cuando vives en la calle no puedes bañarte, no comes bien, no puedes dejar tus cosas. Todo es una rueda: si no puedes dejar tus cosas, no puedes ducharte, no puedes estar presentable, no puedes buscar trabajo*.

Otro problema que nos encontramos a la hora de realizar un análisis del sector inmobiliario es la asimetría en la información, no tenemos indicadores homogéneos que describan la situación del mercado, lo que posibilita manipulaciones al no disponer de una estadística clara e interpretable de los precios de alquiler.

Uno de los ejercicios que hago con el alumnado es repasar las noticias sobre el mercado de la vivienda en periódicos económicos en una fecha determinada, encontrando noticias totalmente contradictorias respecto a la evolución de los precios tanto en los de compraventa como de alquiler, donde todavía son más dispares. Muchas veces elaboradas por grandes

tenedores de vivienda, entidades financieras y portales inmobiliarios.

La propiedad de las viviendas

Un tercio de las viviendas registradas en España desde 2015 pertenece a grandes propietarios, considerando como tal a una persona o empresa con más de cinco inmuebles de uso residencial. El porcentaje varía por provincias: supone más de la mitad en Madrid y Barcelona, más del 40 % en Melilla, Málaga, Zaragoza, Alicante y Valladolid y no llega al 10 % en provincias de la España vaciada como Segovia, Ávila, Zamora, Cáceres, Soria, Salamanca o Lugo[2].

La tendencia a la "profesionalización" del mercado (que sean empresas las que controlen la oferta de vivienda en alquiler) va en aumento y las promotoras están entrando en proyectos *build-to-rent* (construir para alquilar), pero no para el alquiler social, que sólo puede ser abordado desde lo público debido a su notable inversión y plazos para su desarrollo. Teniendo en cuenta que la inversión privada en este nuevo escenario se está resintiendo y encontrando con nuevas dificultades para lograr financiación para sus proyectos -ya que la banca está endureciendo los préstamos promotor con nuevas exigencias, debido a la previsión de mayor incertidumbre y el deterioro de la economía, que irá en aumento- muchos ciudadanos, en un futuro cercano, verán mermada su capacidad de acceso a la vivienda por su situación económica precaria.

Los datos corroboran la tendencia que ha seguido el mercado en este nuevo ciclo. Hasta el estallido de la burbuja, el comprador inmobiliario era minorista: familias españolas que se hipotecaban. A partir de entonces, no solo aumenta el paro, la precariedad y la incertidumbre en el mercado de trabajo, sino que se endurecen las condiciones para acceder a préstamos. Como resultado, menos gente puede comprar casa y no le queda otra opción que vivir de alquiler. El 18,2 % de la población ya lo hace, según la última Encuesta Continua de Hogares del INE.

El progresivo aumento del peso de grandes inversores en el inmobiliario, marcado por el nacimiento de las *socimis*, es cada vez mayor. Su objetivo es invertir en vivienda, "dinamizar el mercado" y dedicarla al alquiler, aunque buena parte de sus carteras se dedica al segmento no residencial (el 82 % de su activo conjunto, según datos del Banco de España, está invertido en hoteles, oficinas, centros comerciales y centros logísticos). Las *socimis* nacieron en 2009, pero no fue hasta su reforma en 2012 cuando empezaron a despegar. No pagan impuesto de sociedades, pero están obligadas a repartir dividendos y a que sus inversores tributen por ellos.

Como excepción, el pasado día 4 de marzo se constituyó la primera socimi social en España, "Primero H", que se configura como un proyecto innovador de inversión de impacto social que viene a aumentar el parque de vivienda en alquiler asequible y está enfocada hacia las 33.000 personas sin techo en España.

El día 11 de marzo, el ministro de Transportes, Movilidad y Agenda Urbana anunciaba que se destinarán a las políticas de vivienda 2.000 millones extras procedentes de los 10.000 millones adicionales que recibirá España de la Comisión Europea para ejecutar entre 2021 y 2023. De los cuales 1.000 destinados a la rehabilitación de edificios, mientras que los otros 1.000 irán destinados a incrementar el parque público de vivienda social y asequible.

Necesitamos innovación política, fiscal, institucional y social para poder encontrar una solución.

2. Las provincias donde los grandes propietarios han registrado más viviendas desde 2015. Created with Datawrapper. https://www.datawrapper.de/_/6NEKp/

NOTA SOBRE EL AUTOR

Roberto Castro-Thome, licenciado en Ciencias Económicas y Empresariales por la UAM, doctorando en Sociología por la UDC y Master en Finanzas por ESADE. Urban Economist desde el año 1996, especialista en informes económicos-financieros, tasaciones y valoraciones para las entidades de crédito, promotores inmobiliarios, colegios profesionales, administración pública, concursos y particulares; vinculado a organizaciones del tercer sector, en especial con la discapacidad.

INVISIBLE BORDERS, WHERE POP IS NOT POP

ANTONIO RAFAEL MARCHEZAN FERREIRA
GENIANE DIAMANTE FERREIRA FERREIRA

"We are not prejudiced, but we do not want a problem to be transferred from Fernão Dias Street, from that region of the hostel, to the heart of Zone 06". That is the way the bank employee who led a protest, with a hundred people more, expressed himself in an interview with the local television station against the installation of the POP Center (Specialized Center of Reference to Homeless People) in his neighborhood.

IN ANOTHER excerpt from the report, a graphic designer explained: "just to clarify that zone 06 is not against the work carried out by the POP Center, quite the contrary, we think it is a very beautiful job and it should really be done, but the place where it is going to be installed needs to be well studied". Still, another interviewee, a trader who held a protest sign, said "the number of marginalities increases because together with these people what can come ... is drug traffic"[1]. The fact took place in Maringá, an average city with approximately 350,000 inhabitants, in the interior of the State of Paraná (Brazil). The protest took effect and the city government gave up transferring the POP Center, opting to build new headquarters in another location in the city.

The POP Center focuses on welcoming people who use the streets as a living and subsistence space, seeking to offer shelter, hygiene activities, food and welcoming psychological needs. In a research report presented by the Metropolis Observatory, program of the State University of Maringá, covering the years 2015 to 2019, it was observed that this population increased by 105.5 % in the period and, especially regarding the passage through institutions, the interviewees reported several experiences: 48 % reported incarceration, 43 % mentioned shelters, 39% cited Therapeutic Communities, 35 % Psychiatric Hospital and 12 % of these people informed that they were discharged from childcare institutions. It is noteworthy that the aforementioned research points out the importance of the POP Center, which offers a bath and, in the morning, the first meal of the day, stating that "any dismantling of this unit of exclusive service to the homeless population will have repercussions on the increase in assistance practices in meeting these needs"[2].

1. RESIDENTS OF ZONE 06 PROTEST FOR THE POP CENTER NOT TO GO TO THE NEIGHBORHOOD. Paraná TV. Maringá, GLOBO, June 2nd, 2018. TV Show. Available at: http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/paranatv-2edicao/videos/t/maringa/v/moradores-da-zona-06-protestam-para-o-centro-pop-nao-ir-para-o-bairro/6782830/
All translations were made by the authors of this paper.

POP Center, Maringá. Photo: Vinícius Ferrareto Chagas.

But the city has its borders, spaces of the allowed and desirable. It imposes colors, smells, paths, allows the workers for the time to serve needs, but does not understand the outsider, as Valencio points out, "the deterritorialization of the group needs to transcend the aspect of the fragile use of the land to advance towards its disappearance from the landscape, among other ways"[3]. Borders are constantly being drawn in the urban, the territory is sliced with the visible lines of socio-spatial segregation. However, beyond the tactile dimension, there are boundaries of the symbolic, whose lines remain hidden by layers of concealment, until the limits are crossed, so that its imposing force is revealed.

Borders

In fact, the lines are drawn and revealed in the uses of the city, in the voices of the forbidden, in the arguments of the inappropriate in this space and in this time. Raquel Rolnik, when describing the urban legality of the city of São Paulo at the beginning of the 20th century, tells about a dialogue between time and space in the use of the city, pointing to the marginalization of characters - "a woman in a cabaret was a prostitute; a man at home during the day was a tramp; a party at the workplace characterized indiscipline"[4].

For Avtar-Brah, borders are a political construct, arbitrary dividing lines based on social, cultural and psychological aspects. They are territories to be patrolled against those who are built as outsiders, foreigners, others. Forms of demarcation in which the act of prohibition itself keeps transgression. Territories in which the fear of the other is the mirror I. Spaces of property claims, demarcations, contestation and struggle. In a sense, they are metaphors, but in addition to mere abstractions, they form concrete realities – the discursive materialization of power relations[5].

This step beyond territoriality, towards the symbolic, is undeniable. Pesavento inserts in the frontier discussion the idea of belonging, of identity, an imaginary frame of reference based on difference. Thus, the concept of frontier "necessarily works with principles of recognition, which involve, in short, analogies, oppositions, correspondences, comparisons"[6].

The fictional work "The City & the City", by China Miéville, describes two cities (Beszel and Ul Qoma) that are located in the same geographical space -

2. METROPOLIS OBSERVATORY UEM / MARINGÁ NUCLEUS. Homeless people in Maringá-PR: deconstructing invisibility. Maringá: UEM, 2019. Available at: https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2019/12/Relatorio-2015_a_2019.pdf

3. VALENCIO, Norma et al. Pessoas em situação de rua no Brasil: estigmatização, desfiliação e desterritorialização. In: VALENCIO, Norma (Org.). *Sociologia dos Desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. São Carlos: Rima, 2010. v.2, p. 60.

4. ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. Studio Nobel, 1997.

5. BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: Contesting identities*. Psychology Press, 1996.p. 194 e 195.

6. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras culturais em um mundo planetário-paradoxos da (s) identidade (s) sul-latino-americana (s). *Revista del CESLA*, n. 8, p. 9-19, 2006, p. 10.

"crossed cities" - with territories that overlap. In these, the citizens of both cities must "not see the neighbors" or "unsee" (see, but pretend not to have seen), since any interaction between them is punished with a fine or imprisonment. Then, at a given moment, the author satirizes the points of inevitable interaction, when the borders are blurred - "The smells of Ul Qomatown in Beszel are a mess. The instinct is to 'unsmell' them, to think of them as something that wanders between borders, as disrespectful as the rain"[7].

The art of "unseeing" is an institutionalized practice in the Brazilian urban space, which systematically ignores the clandestine, irregular, informal and/or illegal city. In the Federal District Construction Code of 1937 (art. 349), the representation of slums on maps of the city of Rio de Janeiro (the capital of the republic at the time) was prohibited. There is a great effort to establish, in a veiled way or declared when necessary, the physical/symbolic borders in Brazilian cities. But "who are these bastards / Who do not find in you / More than to laugh calmly at the mob that excites the executioner's fury?"[8]

The Invisibles we stumble upon

To what extent are the arguments of those who protested against the installation of the POP Center in zone 06 of Maringá real, even if unacceptable? In the survey already mentioned, carried out by the Metropolis Observatory, more than a thousand homeless people were interviewed in Maringá, between 2015 and 2019. Among the various factors mapped, it was observed that 91% are male, 67 % are black people and 81% of this population are in the 21 to 50 age group. The level of education is low, with 3% of respondents illiterate and 50 % with incomplete primary education, however there is 2 % with complete higher education. The main reasons for being on the street were unemployment, disagreement with family members and chemical dependency. And, in order to provide for subsistence, they declare small activities, with the collection of recyclable materials, loading and unloading services, selling sweets and asking for money.

The paradox of this controversy is that while this population remains in its historical social invisibility (with rights and dignity denied), inhabiting the streets, there is no social mobilization to promote an existential minimum. But, when political actions are taken to install a reception center, forces rise, civil society shows itself cohesive, to build boundaries of the unacceptable, of the not here. And in this case, these voices prevailed over those who have a quiet and limited existence between the real and symbolic borders of the city.

7. MIÉVILLE, China. *A cidade & a cidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014, p. 61.

8. ALVES, Castro (1869). *O Navio Negreiro*. Available at: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf

ABOUT THE AUTHORS

Antonio Rafael Marchezan Ferreira. PhD in Urban Law from PUC-SP (2016). Professor of the Law Course and in the Postgraduate Program in Public Policies (Professional Master's), both from the State University of Maringá and researcher of the Metropolis Observatory: Maringá Metropolitan Region Nucleus. Lawyer. He is the author of the book Possessory Collective Conflicts, by CRV (2019), in addition to other chapters of books and scientific articles.

Geniane Diamante Ferreira Ferreira. PhD in Literature from the State University of Maringá (UEM). Professor of English language literature and translation and Professor of the Postgraduate Course in Literature (PLE-UEM), reviewer of the journal Acta Scientiarum, and is dedicated to research themes related to post-colonial literature that covers topics such as identity, multiculturalism, diaspora, and racism and has published chapters of books and scientific articles.

TORNAR VISÍVEL A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, CONDIÇÃO PARA A GARANTIA DE SEUS DIREITOS

ADRIANA AZEVEDO DA ROCHA
MARCO ANTONIO DA ROCHA

Este artigo tem como objetivo apresentar, a partir dos achados de uma pesquisa quantiqualitativa, alguns aspectos sobre a população que vive nas ruas de Londrina, cidade de grande porte situada no norte do Estado do Paraná, região sul do Brasil. É um importante polo regional de desenvolvimento, contando com uma população estimada em 558.439 habitantes.

O MINISTÉRIO PÚBLICO do Estado do Paraná veio desenvolvendo, entre os anos de 2016 e 2017, um trabalho de acompanhamento e monitoramento das políticas públicas voltadas à população em situação de rua dessa cidade, do qual surgiu a necessidade de se saber quantos eram, como viviam e se organizavam, quais eram as necessidades e aspirações das pessoas que viviam nas ruas de Londrina, visando subsidiar a análise e avaliação daquelas políticas.

O Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, define assim esse segmento:

> [...] *grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória*[1].

1. BRASIL, Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm.> Acesso em 07 out 2020.

Identificada a necessidade de se realizar a pesquisa, formou-se uma comissão organizadora, composta por representantes do Ministério Público do Estado do Paraná, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), da Defensoria Pública do Estado do Paraná (DPE-PR), do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), da Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR) e da administração municipal de Londrina.

Em setembro de 2017 foi realizada uma capacitação inicial para as pessoas ligadas às instituições que compunham a comissão organizadora. Para ministrar tal capacitação convidou-se a Professora Dra. Ana Lúcia Rodrigues, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá e coordenadora local do Observatório das Metrópoles, que vinha realizando – desde 2015 – pesquisas sobre a população em situação de rua em Maringá.

Em maio de 2018, foi realizado na UEL um evento intitulado "Tornar visível a população em situação de rua de Londrina: condição para a garantia de seus direitos", visando despertar o interesse de estudantes e professores daquela Universidade para participar da realização da pesquisa.

As atividades de formação para os pesquisadores voluntários foram realizadas entre os meses de junho e setembro de 2018, contando com estudo de materiais bibliográficos, vivência da aplicação do instrumento de coleta de dados, exibição e discussão de filmes e documentários e apresentação da logística de realização da pesquisa.

Foi realizada uma pesquisa quantiqualitativa, de caráter exploratório, com aplicação de questionário com questões fechadas e abertas.

Os dados foram inseridos no software online Lime Survey, que tabulou eletronicamente os dados quantitativos, gerando gráficos e tabelas posteriormente analisados por grupos de pesquisadores divididos por temas, que lhes atribuíram significado.

A análise e interpretação dos dados qualitativos foram realizadas por equipes específicas, formadas por membros da coordenação da pesquisa, professores das universidades envolvidas e estudantes / bolsistas de pós-graduação.

A pesquisa com a população em situação de rua

A pesquisa foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2018. Além dos 15 voluntários que atuaram na coordenação, participaram do processo de coleta de dados 75 estudantes de diversos cursos (graduação, mestrado e doutorado) da UEL e da UNOPAR, além de representantes da população em situação de rua, que participaram do planejamento e atuaram como facilitadores.

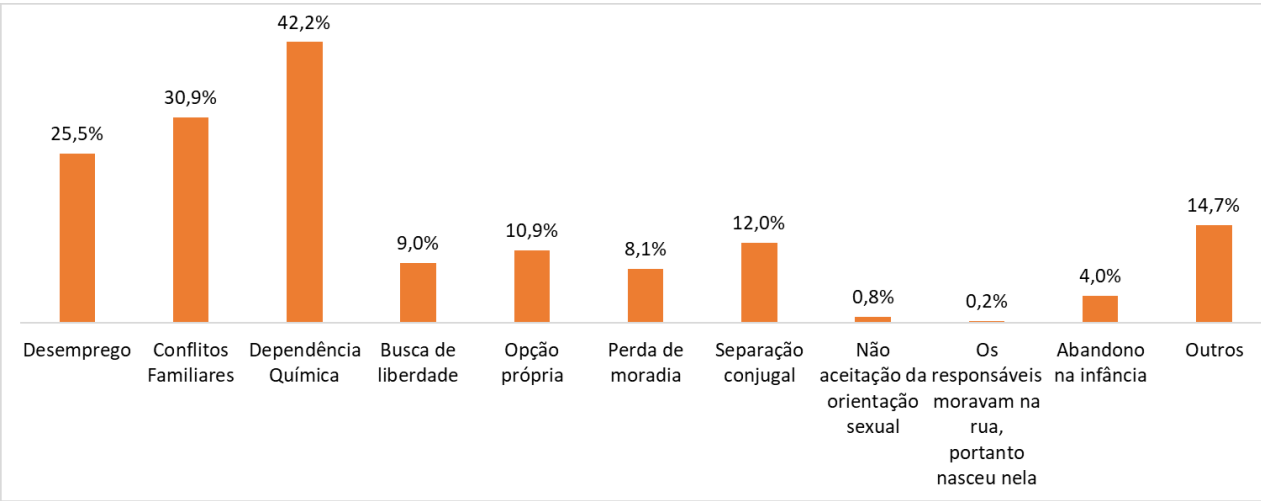
As pessoas em situação de rua foram entrevistadas nos 17 roteiros previamente definidos, além de outros pontos que foram sendo identificados durante a realização da pesquisa.

Quem são as pessoas que vivem nas ruas de Londrina, Paraná

Foram identificadas 927 pessoas vivendo nas ruas de Londrina. O número de pessoas que viviam efetivamente nessa condição é ainda maior, considerando-se que houve pessoas que se recusaram a responder à pesquisa.

Os entrevistados encontravam-se em plena idade produtiva, considerando que 68,61% delas tinham idade entre 25 e 50 anos.

Sobre os motivos que saíram das suas cidades de origem, um percentual significativo de pessoas veio para o município em busca de melhores condições de vida: 25,8 % vieram em busca de trabalho, 7 %



Razões para estar em situação de rua. Fonte: Pesquisa sobre a população em situação de rua de Londrina PR (2017-2019).

Imagen de la campaña *Di basta. Nadie Sin Hogar*, de Cáritas España, 2018.

necessitavam de tratamento de saúde e 13,9 % procuravam melhores oportunidades. 22,5 % dos entrevistados afirmaram que vieram para Londrina por ser uma cidade que trata melhor as pessoas que vivem nas ruas.

Entre os entrevistados havia 36 pessoas (4,4 %) não alfabetizadas. Quase metade dos entrevistados, num total de 381 indivíduos (46,2 %), possuía ensino fundamental incompleto e 90 pessoas (10,9 %) concluíram esse nível de ensino. 92 pessoas (11,2 %) concluíram o ensino médio e outras 134 (16,2 %) não chegaram a concluir essa etapa. Com nível superior havia 36 pessoas ou 4,4 % do total. Duas pessoas (0,2%) tinham pós-graduação.

Quanto ao trabalho, renda e profissão:

A maioria das pessoas (511 ou 61,9%) respondeu que tinha uma profissão. Por outro lado, 26,8% dos entrevistados (221 pessoas) afirmaram não ter nenhuma renda diária. Um pouco mais da metade dos entrevistados apontou valores médios de renda diária que oscilaram entre as faixas de R$ 1,00 até R$ 10,00 (50 pessoas), de R$ 10,00 até R$ 20,00 (57), de R$ 20,00 até R$ 30,00 (60) e de R$ 40,00 até R$ 50,00 (55).

Razões para estar em situação de rua:

Um número significativo de entrevistados (42,2 %) indicou como a maior razão para estar na rua a dependência química, motivo que pode aparecer associado a outros determinantes, como desemprego e conflitos familiares (Ver Gráfico).

Sobre os problemas de saúde:

Dentre os entrevistados 21,1 % respondeu não ter nenhum tipo de problema de saúde, enquanto a maioria identificou uma ou mais patologias. Os mais citados foram o uso abusivo de substâncias psicoativas: 34,7 % álcool, 39,4 % cigarro (tabaco) e 31,5 % substâncias ilícitas. Em seguida vêm os problemas de saúde mental (17,9 %), saúde bucal (14,7%,) e doenças crônicas como diabetes, hipertensão e doenças pulmonares (13,8 %).

Quanto à violência:

Parcela significativa dos entrevistados, 57,3 % ou 473 pessoas já sofreram algum tipo de violência física, sendo a maioria delas por policiais militares, o que corresponde a 34,3 % ou 283 pessoas, seguido por 26,3 % ou 217 pessoas que sofreram violência física praticada por outra pessoa em situação de rua e 23,2% ou 191 pessoas que sofreram violência por parte de guardas municipais.

Considerações finais

A pesquisa revelou que o número de pessoas em situação de rua em Londrina era muito maior do que o que se estimava até então, já que o último censo governamental (2009) indicava que a cidade contava com aproximadamente 500 pessoas vivendo em suas ruas.

Há um baixo índice de analfabetismo entre os entrevistados e um alto número de pessoas que têm profissão, mas não conseguem trabalho: certamente o preconceito que muitos empregadores tem em

relação às pessoas em situação de rua pode explicar esse fenômeno, bem como o fato de que quase 60 % das pessoas entrevistadas já sofreram violência nas ruas, praticada majoritariamente pelas forças repressivas do Estado.

É muito significativo que quase metade dos entrevistados tenham indicado como a maior razão para viver na rua a dependência química, além de mais de 30% terem feito alusão a problemas de saúde decorrentes do uso abusivo de substâncias psicoativas. Essa situação agrava-se ainda mais quando se considera que a política de saúde mental do município tem sido insuficiente para atender à demanda apresentada por essa população.

A política de atendimento à população em situação de rua em Londrina tem intervenção intensiva da área da assistência social, que tem ampliado a atenção a esse público, mas não é acompanhada por outras áreas como cultura, esporte, lazer, educação, habitação e especialmente a política de saúde e saúde mental.

Por outro lado, o Comitê POP RUA, criado para acompanhar e monitorar a política municipal para esse segmento tem suas reuniões esvaziadas, posto que a elas comparecem principalmente representantes da área de assistência social, movimentos sociais que representam a população em situação de rua, Defensoria e Ministério Público.

A realização da pesquisa fortaleceu a coordenação local do Movimento Nacional da População em Situação de Rua, que a partir daí passou a contar com um Grupo de Trabalho que tem lhe prestado apoio efetivo. Ampliar e qualificar o atendimento prestado à população em situação de rua e garantir a participação dos diversos segmentos nas reuniões do Comitê POP RUA representa um desafio para esse movimento e demais organizações que defendem os direitos dessa população.

NOTA SOBRE A AUTORA

Adriana Azevedo da Rocha. Graduada em Serviço Social (UEL, 2018) e Especialista em "Serviço Social na Sociedade Contemporânea" (Faculdade Dom Bosco, 2019). Assistente Social na MMA – Ministério Missões e Adoração, onde coordena serviços de acolhimento institucional para pessoas em situação de rua.

NOTA SOBRE O AUTOR

Marco Antonio da Rocha. Graduado em Serviço Social (FACIAUSO, 1992), Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais (PUC-SP, 2002) e Doutor em Serviço Social e Políticas Sociais (UEL, 2017). Assistente Social do Ministério Público do Estado do Paraná e Professor da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Apucarana.

A VIDA NAS RUAS EM MARINGÁ.

UM RELATO ETNOGRÁFICO

JOSIMAR PRIORI

Durante o ano de 2015, eu realizei uma pesquisa etnográfica com pessoas que vivem nas ruas da cidade de Maringá-Paraná-Brasil[1]*, o que me permitiu estudar o cotidiano da vida nas ruas e a suas intersecções com práticas religiosas, solidárias e estatais.*

POR UM LADO, os que vivem nas ruas aparecem como objeto a partir do qual diferentes grupos sociais definem a si mesmos, a vida nas ruas e estabelecem maneiras de intervenção sobre ela. Por outro lado, as pessoas que vivem nas ruas ressignificam tais intervenções, produzindo maneiras específicas, resistentes e criativas de apropriação da cidade para produzirem sua vida social[2].

Panetones, cestas, doces, festas com direito a banho, corte de cabelo e uma troca de roupa nova, missas, cultos são algumas das atividades preparadas para pessoas que vivem nas ruas. Cheia de ambiguidades, há uma vontade de *ajudar* os que estão em situação de rua. Ela ocorre durante o ano todo e se intensifica no mês de dezembro. É feita por religiosos, por voluntários e também pelo Estado, via órgãos assistenciais. A fartura nas mesas e o apelo religioso do nascimento Jesus Cristo, que teria nascido numa situação de pobreza, estimulam o sentimento de "fazer algo pelo próximo". Neste contexto, o *morador de rua* surge como "o pobre entre os pobres", aquele que não tem o que comer, nem onde morar e figura como a contraparte para que valores cristãos, especialmente da caridade, possam se atualizar.

Tais sujeitos recepcionam estas ações e delas se servem como suporte para a manutenção da sua vida social. A descrição de um dia de trabalho de campo ajuda a compreender estas relações. Era véspera de natal e um grupo de pessoas que vivem nas ruas estava reunido na praça da Catedral de Maringá. Quando cheguei, por volta das 10h manhã, eles estavam planejando cozinhar o próprio almoço. Haviam ganhado uma cesta de alimentos do padre

1. Os nomes dos sujeitos pesquisados foram alterados e palavras usadas em seu cotidiano foram grafadas em itálico.

2. A última década consolidou uma nova perspectiva analítica que culminou com a publicação do livro Novas faces da vida nas ruas, organizado por Taniele Rui, Mariana Martinez e Gabriel Feltran (São Carlos/SP: EDUFSCar, 2016). Esta abordagem busca se distanciar de análises que focam em ausências e que salientam perdas, faltas e exclusão. Assim, o foco consiste em descrever o que pessoas que vivem nas ruas e outros grupos sociais marginalizados produzem, trazendo para o centro das narrativas os seus modos de vida e atuação no mundo. Tal procedimento alça a análise a um novo nível, que faz de tais sujeitos não propriamente objetos de estudo, mas um ponto de partida para a análise, pois se reconhece que na rua também se produz conhecimento e que ela – a vida nas ruas – oferece parâmetros para a constituição de uma série de práticas sociais como Estado, modos de governo, identidades, narrativas, saberes acadêmicos, religião, voluntariado, arquiteturas, cidade etc.

desta igreja e pretendiam obter itens complementares e panelas para cozer por meio do pedido. Contribuo comprando extrato de tomate e alguns condimentos. Em seguida, Caio e Nara saem para *manguear* – termo utilizado por eles para descrever o ato de pedir. Caio não gosta de cuidar de carro, mas é excelente *mangueador*, o que significa que domina as táticas de abordar um interlocutor e convencê-lo a doar algo, seja dinheiro, seja algum produto ou objeto que precise. A prática do *mangueio* contesta e recusa a mendicância, vista como acusatória e desrespeitosa. O ato de pedir, na rua, vira *mangueio* e a identificação como mendigo é recusada e substituída por *morador de rua* ou *trecheiro*.

Gilson, por sua vez, não gosta de *manguear* e consegue dinheiro cuidando de carro. Esta atividade também exige desenvoltura, modos definidos de abordagem, fineza no trato com o motorista e permanência no local até o retorno do proprietário. A primeira, como dito, rompe com a imagem da mendicância. A segunda recusa a categorização usual de flanelinha e reivindica o status de trabalho. Ambas implicam num denso conhecimento e apropriação dos espaços urbanos.

Neste dia também encontrei Beto. Acompanhando-o, observei parte das relações de pessoas que vivem nas ruas com algumas práticas estatais, caracterizadas nessa situação pelas dificuldades enfrentadas no atendimento médico. Este interlocutor tinha acabado de chegar de um período de internamento na emergência psiquiátrica municipal. Por volta de 50 anos, se confundia com as datas, mas estava há pelo menos cinco anos vivendo na rua. Cuidava de carros no entorno da catedral todos os dias, com exceção de sábado, o único dia que folgava. Reconhecia nessa prática um legítimo trabalho. Esteve internado depois de uma recaída no consumo de álcool, o qual não podia beber em decorrência de problemas de saúde. Beto estava com uma receita em mãos e solicitou minha *ajuda* para conseguir os medicamentos. Acompanhei-o num percurso institucional desgastante para a obtenção dos medicamentos.

Saímos um pouco antes do meio dia e fomos à UPA (Unidade de Pronto Atendimento) retirá-los. Ao chegar ao local, fomos informados que não era naquela unidade que ficava a farmácia. Estávamos na zona sul e deveríamos ir à UPA zona norte. Ainda debilitado, tal itinerário de cerca de 9 km seria praticamente impossível para Beto caso não contasse com uma *ajuda* para a locomoção. Atravessamos a cidade e ao chegarmos neste local recebemos duas notícias: "uma boa e uma ruim", assegurou a atendente. Tinham os medicamentos, mas não autorização para fornecê-lo. O farmacêutico responsável estava de folga por ser véspera de natal. Era quinta-feira e só voltaria a atender na segunda. Beto precisaria esperar até lá para receber o que precisava. A atendente sugeriu que falássemos com a enfermeira-chefe. A presença de Beto faz o serviço se movimentar: auxiliares de enfermagem, recepcionistas, enfermeiras e médicos são acionados. Depois de muita conversa e longo de tempo de espera, finalmente conseguimos os remédios e voltamos para a praça.

Quando chegamos, já era mais de três da tarde. O grupo descansava embaixo de uma árvore, deitados em lençóis sobre a grama. Era um fraterno momento de tranquilidade. Perguntei sobre o alimento. Havia acabado, mas Luciano tinha guardado a parte dele para comer depois. Como eu não tinha comido, ele fez questão que eu comesse a parte dele. Ele demonstrava prazer em partilhar seu alimento comigo e certeza de que não ficaria sem comer.

As evidências, de fato, não demonstravam escassez de alimentos. A *ajuda* recebida era considerável em todos os períodos e especialmente no final de ano. Além das cestas, naquele dia mesmo, depois do almoço cozido na rua por eles próprios, receberam ainda *marmitex*[3]. Haveria ainda uma ceia de natal com promessa de churrasco, que seria realizada por um grupo de voluntários. Importante salientar, porém, que, apesar de muito frequente, o fornecimento de alimentação não é organizado e sistemático, mas construído com base na "boa vontade" de indivíduos ou grupos que desejam oferecer alguma *ajuda* a *moradores de rua*, tampouco as pessoas que vivem nas ruas dispõem de participação na definição dos cardápios, horários e locais de entrega. O máximo que podem fazer é rejeitar um ou outro alimento que não gostam, guardá-los para mais tarde, repassar para alguém ou recusar.

Não existem cronograma e horários fixos. De todo modo, o saber aprendido nas ruas lhes informa, por exemplo, que na terça à noite um pastor entrega alimentos na Praça Raposo Tavares, que na quarta um grupo passa distribuindo alimentos no começo da noite, na segunda também há um grupo, mas um pouco mais tarde. Sextas à noite jovens de uma igreja entregam pães com presunto, muçarela e refrigerante. Aos domingos de manhã era a vez de receberem um café de manhã. O almoço poderia ser no albergue, no restaurante popular ou ganhado num restaurante comercial. Cada um destes meios de alimentação, porém, poderia, por uma razão ou outra, falhar, o que não lhes dava certeza com antecedência se teriam aquela refeição. Ainda assim, havia confiança de que a alimentação seria garantida. As alternativas eram várias e no limite poderiam

3. Termo utilizado na região de Maringá para se referir a marmitas servidas prontas e embaladas para transporte. Em outras regiões, utiliza-se o termo quentinha com significado análogo.

Pastor evangélico realiza pregação depois de distribuir alimentos na praça Raposo Tavares, próxima à praça da Catedral.
Fonte: arquivo pessoal do autor (2015)

comprar um lanche com o dinheiro do cuidado de carro ou de *mangueio*.

A data era especial. Foi uma espécie de confraternização de natal. Cozinhar a própria comida agregava simbologia ao momento. O bom ambiente não os eximia, porém, de conviver com a incômoda presença do Estado na sua versão policial. Os órgãos assistenciais só atendem em horário comercial, mas a polícia trabalha 24 horas por dia. Mesmo neste momento de lazer e ritualização as pessoas que vivem nas ruas continuavam sendo vigiadas, o que também ritualizava a constante, intimidadora e não raro violenta presença policial em seu cotidiano. O fato de ser véspera de natal não seria motivo suficiente para não serem abordados e, se houvesse necessidade, poderiam ser expulsos dos lugares mais centrais e, portanto, mais visíveis da cidade.

Este relato reúne alguns elementos do cotidiano da vida nas ruas. Aparecem práticas que são criadas nas ruas e mediadas – dificultadas no caso da obtenção da medicação – pelas práticas de outros grupos. Vemos maneiras como as pessoas que vivem nas ruas se organizam, como obtêm algum dinheiro por meio do que chamam de mangueio e do cuidado de carro, momentos de sociabilidade e de lazer. Vemos também modos pelos quais outros grupos sociais intervêm sobre as ruas, especialmente por meio de doações. A presença policial, por sua vez, não os deixava esquecer que estavam sendo observados o tempo todo.

Havia efetivamente inúmeros agentes sociais interessados em atuar com a questão, o que torna visível como vida nas ruas movimenta uma série de atores sociais. Ela se apresenta então como uma questão não apenas circunscrita àqueles que a vivenciam, mas que impulsiona a ação de inúmeros grupos sociais. As práticas de tais grupos redundam sobre a vida das pessoas que vivem nas ruas de maneira complexa: por um lado, torna possível a obtenção de alimentação, de roupas, de contato social e religioso, mas por outro, submetem as pessoas que vivem nas ruas a seus valores morais, exercendo uma espécie de controle sobre eles.

De fato, boa parte do que se oferece para lidar com a questão da vida nas ruas se localiza no campo da religiosidade e da ajuda voluntária, o que obriga as pessoas que vivem nas ruas se ajustarem a tais códigos para se beneficiarem do que lhes oferecem. Importante também destacar que esta ajuda se restringe a aspectos como doação de alimentos e roupas, mas raramente evolui para uma discussão que problematize, por exemplo, a violência sofrida nas ruas, a pobreza, o desemprego, a falta de habitação e

a criação de condições de efetiva emancipação destas pessoas.

As descrições e análises aqui tecidas não abarcam todos os aspectos da vida nas ruas, mas buscam gerar reflexões sobre alguns aspectos dos conflitos contemporâneos. Desta maneira, é possível observar tanto as formas criativas com que pessoas que vivem nas ruas estabelecem formas de resistência e de vida social, quanto como se processam algumas dos modos contemporâneos de regulação e controle da vida nas ruas. Para os religiosos, os que vivem nas ruas aparecem como pobres a serem socorridos e pecadores a serem convertidos. Assim, a *ajuda* oferecida é tanto uma prática de caridade, quanto um mecanismo para fazer pregações religiosas e expandir o cristianismo, notadamente o neopentecostal.

Os voluntários se articulam a partir do sentimento estarem fazendo um bem para os que julgam precisar e a partir daí estabeleçam uma identidade em torno de uma organização coletiva. O Estado, por sua vez, realiza o gerenciamento da vida das ruas em duas frentes. Por um lado, por meio dos órgãos socioassistenciais que *ajudam* os que vivem nas ruas em nome da efetivação de direitos e da construção de novos estilos de vida. Por outro lado, utiliza-se das forças policiais para vigiar, abordar, reprimir e expulsar os que vivem na rua de lugares indesejáveis. Observa-se, assim, uma imbricação de práticas que perpassam diferentes esferas sociais, as quais integram um misto de assistência, repressão, produção e reprodução da vida nas ruas. Tais ações, de fato, promovem uma forma de regulação da pobreza que evita que o conflito social atinja um nível que não seja possível controlar, mas raramente geram condições de ruptura com a vida nas ruas.

Enfrentar o problema de maneira a criar efetivas condições de saída das ruas não é fácil, mas entendo que um primeiro passo seria tomar as pessoas que ali vivem não como receptáculos ou objeto de *ajudas*, mas como sujeitos protagonistas para a construção de novos projetos de vida. De fato, é fundamental que a criatividade, os saberes, as formas de resistência e as experiências acumuladas entre as pessoas que vivem nas ruas estejam no centro do debate não apenas para a produção de políticas eficazes para enfrentar esta situação, mas também para criar formas inovadoras e menos opressivas de organização social.

NOTA SOBRE O AUTOR

Josimar Priori. Professor do Instituto Federal do Paraná. Doutor em sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. Autor de *A luta faz a lei: reflexões sobre política, movimentos sociais e associações de moradores em Sarandi-PR*.

VOZES QUE ECOAM NAS RUAS DA CIDADE CANÇÃO.

UMA ANÁLISE DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM MARINGÁ – PR – BR

ANA LUCIA RODRIGUES
JÚLIA FERNANDA MARIOTTO CASINI

A população em situação de rua é um fenômeno urbano que expressa, também numa cidade planejada, as desigualdades existentes na estrutura social. Tal fenômeno é crescente em todo o Brasil e também em Maringá.

ESTA CIDADE é localizada no interior do Brasil, mais especificamente na Região Sul do país, no Estado do Paraná. A cidade é sede da Região Metropolitana de Maringá, composta por vinte e seis municípios, em sua maioria de pequeno porte, sendo Maringá uma cidade de porte médio, a maior desta região com 430 mil moradores.

A cidade da canção... a cidade planejada...

Conhecida como "Cidade Canção", por influência de uma canção de sucesso à época da fundação da cidade - "Maringá, Maringá", composto por Joubert de Carvalho, em 1935. Maringá alimenta, local e nacionalmente, uma imagem sui generis, na qual não existiriam os mesmos problemas sociais de outros centros urbanos brasileiros, como favelas, ocupações irregulares, moradores de rua; uma cidade que ocupa os mais positivos rankings nacionais, tendo sido identificada no ano de 1999 como a "Dallas brasileira" em matéria veiculada numa revista de circulação nacional. Nesta cidade, a condição de invisibilidade da população em situação de rua é sempre muito presente.

Maringá possui, desde sua origem, um planejamento urbano caracterizado pela segregação social e pela valorização imobiliária, que almeja frequentemente a incorporação de população solvável. Assim, a cidade planejada não admite a existência de grupos populacionais vulnerabilizados, pois estes contrastam a imagem que o marketing busca vender.

Uma pesquisa censitária desenvolvida pelo Observatório das Metrópoles vinculado à Universidade Estadual de Maringá[1] (UEM), realizada nos anos de 2015 a 2020, confirmou o aumento da população em situação de rua nesta cidade, registrando 1.891 pessoas vivendo nas ruas no período pesquisado. Importa saber que 2020 foi um ano

1. A pesquisa passou por aprovação do comitê de ética em pesquisa com seres humanos, cuja numeração do CAAE é: 02126916.8.0000.0104.

atípico, devido à pandemia da Covid-19, impossibilitando a realização da pesquisa conforme ocorrera nos anos anteriores. Também é ano de eleições municipais para prefeito e vereadores, contexto no qual, a partir da pesquisa, já foi observado em anos anteriores movimentos do poder público municipal de "retirada" dessas pessoas da rua, com o intento de mostrar a cidade como bela, sem problemas sociais e sem a presença de grupos considerados "incômodos" para a cena urbana.

No ano das eleições de 2016, a pesquisa identificou um decréscimo no número de pessoas em situação de rua em relação aos outros anos. Reitera-se que em 2020, o contexto de pandemia não permitiu o desenvolvimento da pesquisa com o uso das mesmas metodologias, mas a partir de observação realizada nos mesmos trajetos percorridos pela pesquisa nos anos anteriores (sem contato direto, devido ao distanciamento social necessário para diminuir o risco de transmissão da Covid-19), foram identificadas 56 pessoas vivendo nas ruas e 307 em instituições de acolhimento, número este que dobrou em relação ao ano anterior - 2019, que era de 154 pessoas acolhidas. Alcançou-se, em 2020, uma estimativa de que em Maringá existem cerca de 478 pessoas em situação de rua. Destaca-se que o aumento do número de pessoas acolhidas se deve ao contexto de pandemia, sendo o acolhimento uma das estratégias desenvolvidas para propiciar o distanciamento social a essas pessoas.

As pessoas em situação de rua não aparecem nos dados

Importa relatar que o Brasil não possui dados oficiais sobre esta população, porque ela não é abrangida nas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois os dados censitários são coletados com base nos domicílios e essas pessoas estão desabrigadas. Existem, entretanto, estimativas a partir de dados levantados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que alcançaram um número de 222 mil pessoas em situação de rua no Brasil em 2020[2]. A ausência de dados oficiais dificulta a implementação das políticas públicas voltadas para este contingente e faz com que se torne ainda mais invisibilizado pelas políticas sociais.

Algumas cidades brasileiras realizam suas próprias pesquisas sobre essa população. Como já mencionado, em Maringá, a pesquisa é iniciativa do Observatório das Metrópoles vinculado a UEM em parceria com outros atores sociais; portanto os dados quantitativos apresentados acima representam um esforço para conhecer as características desta população e subsidiar o poder público na formulação de políticas públicas. A seguir, apresentamos alguns dados qualitativos desta pesquisa, retratados a partir de relatos dos sujeitos da pesquisa.

A cidade planejada não suporta as pessoas que vivem nas ruas

Historicamente, as pessoas que vivem nas ruas são tipificadas de maneira negativa (vagabundos, sujos, bandidos, perigosos etc.). Esta construção social legitima várias formas de violência -física, simbólica e institucional- contra essas pessoas, além de referenciar a construção da identidade pessoal destes sujeitos. Embora seja um fenômeno urbano heterogêneo, podemos perceber que os habitantes das ruas compartilham a condição de expropriados do direito à cidade.

Foto: Autoras

2. https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811

Foto feita por Vital Ben Waisermman, em 10 de agosto de 2020, por volta das 08:15 da manhã.
Local: Praça Raposo Tavares, em frente ao Terminal Urbano de Maringá – PR.

A pesquisa mencionada investigou as características e as condições de vida dessa população em Maringá com relação aos seguintes aspectos: identificação e perfil; trajetória e família; renda; alimentação, cuidado e saúde; e violência e segregação. Este último eixo – violência e segregação – revelou aos pesquisadores impactantes dados qualitativos, obtidos por meio de questões abertas do questionário da pesquisa, que apresentam relatos das pessoas que vivem nas ruas.

Especificamente no que tange a violência e segregação sofrida pelas pessoas em situação de rua, os dados evidenciam o que as pessoas residentes em Maringá pensam sobre as pessoas em situação de rua. Os dados sobre violência física demonstram que os principais autores da violência são: os policiais miliares (32 % dos casos); a violência praticada entre as pessoas em situação de rua aparece em segundo lugar (27 %), e guarda municipal (19 %), terceiro agente de violência. Vê-se, portanto, que a forma de violência mais sofrida por essa população abarca também a violência institucional, uma vez que é praticada por agentes públicos, nos mostrando que o Estado é agente violador, detentor do "monopólio" da violência, historicamente exercendo violência contra minorias sociais, tornando a violência "legalizada".

A violência praticada entre as pessoas em situação de rua também é um dado expressivo obtido pela pesquisa, apontando que é a segunda forma de violência mais praticada. Deste modo, as pessoas em situação de rua são vistas como ameaça à ordem pública e não como ameaçadas por esta, diante da violação de direitos a que são submetidas, levando-as a internalizar e naturalizar valores violentos –enquanto estratégia de sobrevivência- apropriados de forma inconsciente, como componentes da cultura da rua.

Ocorre, ainda, violência simbólica, associando essas pessoas ao lixo, crime, perigo, drogas, a sujeira da cidade, àquilo que torna desagradável a paisagem urbana. A partir de nossa pesquisa, foram coletados relatos de pessoas que vivem nas ruas em Maringá os quais expressam a violência simbólica exercida contra elas. Quando os pesquisadores perguntaram: "o que

você acha que as pessoas da sociedade pensam sobre as pessoas em situação de rua?", a maior parte das respostas revelam preconceito e violência de modo contumelioso.

As vozes que ecoam

É possível observar, através dos dados, a presença no imaginário popular de representações sociais pejorativas sobre a população em situação de rua, a partir das falas desta própria população:

> *"Pensa que a gente é vagabundo, inútil, não vale nada, que deveria morrer"* (sic). *"Algumas discriminam, até batem"* (sic). *"Desprezo. Pra eles nóis é lixo"* (sic). *"As pessoas mudaram na gentileza e compreensão. O maringaense virou uma pessoa violenta"* (sic). *"Eu vi o Maringá lindo, colorido, mas hoje, depois de 30 anos, mudou* (sic). *"Maringá tá pintando uma coisa que não é. Olham como se fossem monstros. Sentem nojo. É bem estranho"* (sic).

Tais relatos expressam como as pessoas em situação de rua sentem-se em relação aos demais, estando implícitas, nestas falas, relações de dominação. Revelam preconceito, discriminação e estigmatização da pessoa que vive nas ruas. Os dados demonstram uma desumanização dessas pessoas e compreensões repressivas e higienistas:

> *"Que todos deveriam ser exterminados, mortos"* (sic). *"Que quem usa droga não passa de inseto. São bichos. Acham feio, querem excluir"* (sic). *"Sujos. Desfaz*'' (sic). *"As pessoas acham que é doença de espirito"* (sic).

Tal processo de desumanização, associando as pessoas em situação de rua a lixo, inseto, bichos ou que sofrem de problemas de ordem espiritual, sobrenatural -negando, assim, a materialidade dos problemas socioeconômicos estruturais- tem justificado o uso da força, o policiamento ostensivo, a arquitetura hostil e uso de artefatos urbanos para exclusão e expulsão dessas pessoas do espaço público.

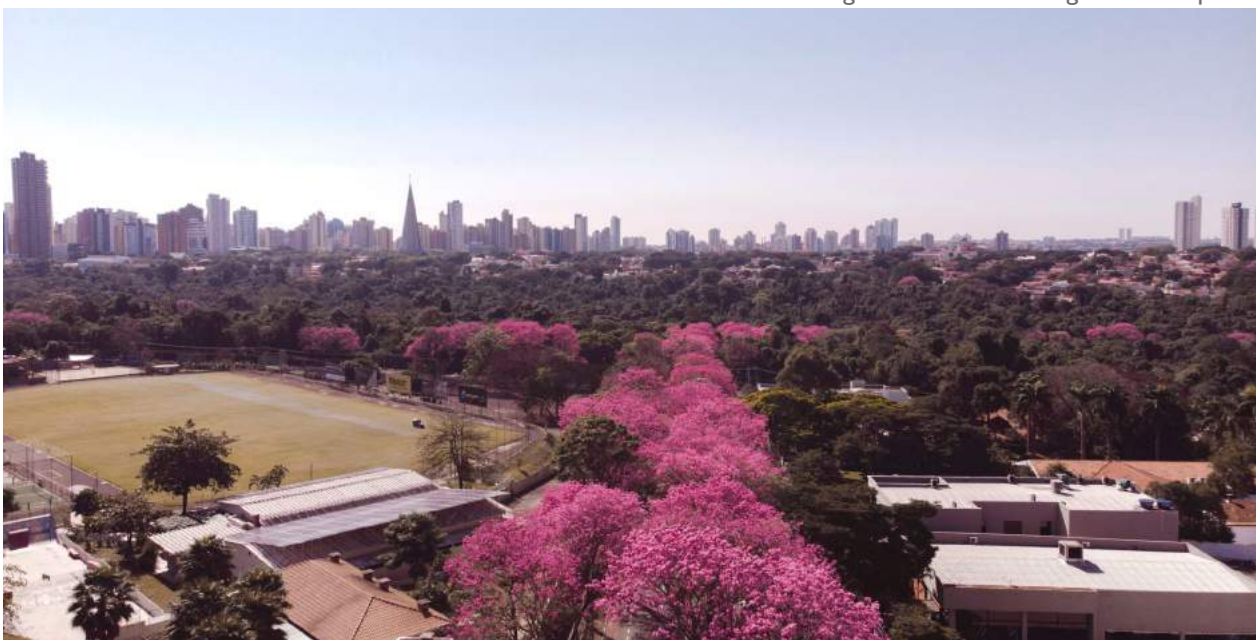
Longe de encerrar o debate aqui, a discussão que realizamos, nos direciona para a hipótese de que quanto maior o preconceito em relação às pessoas em situação de rua, mais distantes do direito à cidade elas se tornam e mais são invisibilizadas e excluídas do planejamento urbano. Neste sentido, entendemos que somente com a modificação das representações sociais se pode garantir direitos sociais à população em situação de rua, pois se no imaginário social não se compreende o fenômeno como questão social, política e econômica, dificilmente ele comporá a agenda pública da cidade de maneira humanizada.

NOTA SOBRE AS AUTORAS

Ana Lucia Rodrigues: Vereadora eleita para o mandado de 2021-2024. Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá/PR, Brasil (UEM), coordenadora do Observatório das Metrópoles - Núcleo UEM/Maringá. Doutora em Ciências Sociais-Sociologia e Pós Doutora em Urbanismo. E-mail: alrodrigues1962@gmail.com

Júlia Fernanda Mariotto Casini: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá/PR, Brasil (UEM). Assistente Social do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná. E-mail: juliamcasini@gmail.com

Vista de Maringá. Foto: Gabriel Rodrigues em Unsplash.



MULLERES, SENFOGARISMO E SAÚDE MENTAL

ROSALÍA MACÍAS

Hai menos mulleres que homes durmindo na rúa, pero os perigos e as discriminacións ás que se enfrontan elas son moitas máis.

EN GALICIA, arredor dun 20% das persoas sen fogar son mulleres, segundo os últimos datos do INE, que datan do 2012. Unha cifra que pode sorprender tendo en conta que as mulleres parten dunha situación económica máis precaria que a do sexo masculino.

As mulleres evitan a toda costa acabar na rúa", conta Lucía Rodríguez, educadora social en Alume, unha asociación baseada en Lugo (Galicia) que traballa con persoas en situación de senfogarismo e con trastorno mental. "Cando chegan á rúa están destrozadas", asegura, pois esgotan moitas máis opcións que os homes con tal de non acabar na rúa, como por exemplo a prostitución.

Violencia de xénero: causa e consecuencia do senfogarismo

Esta educadora social explica que as mulleres sen fogar adoitan sufrir abusos físicos e verbais. O 24 % das mulleres sen fogar afirmaron ser vítimas dalgún tipo de violencia sexual, segundo o *Estudo sobre senfogarismo feminino e violencia de xénero en Galicia* publicado pola Xunta de Galicia en 2020. Este é un dos motivos polos que non é frecuente ver a mulleres durmindo soas na rúa, sempre están acompañadas dun home. Como algunhas mulleres teñen explicado a Lucía Rodríguez, "prefiren que as viole un a que as violen varios".

A violencia de xénero pode así ser consecuencia da situación de senfogarismo pero tamén causa. Segundo o dito estudo da Xunta de Galicia "o perfil das mulleres que forman parte da mostra consultada é o dunha muller de 43,7 anos que, nunha porcentaxe elevada, é vítima de violencia de xénero, concretamente o 79,7 %". Se ben, como indica Rodríguez, non podemos definir un perfil tipo de persoa sen fogar, xa que se trata dun fenómeno complexo e multicausal.

Mulleres sen fogar e con trastorno mental

A violencia e a invisibilización que sofren as mulleres sen fogar vai acompañada tamén do estigma, como sinalan no estudo "Mujeres sin hogar en España: un análisis sociográfico desde una perspectiva feminista" realizado pola Asociación Moradas. "O estigma é unha cuestión importante cando falamos de mulleres sen fogar, pois a sociedade etiquétaas primeiro como sen fogar (...) e segundo como mulleres que non souberon sacar á súa familia adiante", escriben.

Habitación dun usuario a quen lle tiveron que axudar a tirar cousas que acumulaba.
Foto: ALUME

Na páxina 40, un lavadoiro rehabilitado no paseo do Río Rato, en Lugo, que alguén utiliza para dormir.
Foto: ALUME

Así, ser muller e non ter fogar conleva xa unha dobre discriminación, un dobre estigma e un dobre risco, pero é que en moitos casos hai que sumar un trastorno mental. Dende Alume traballan para que "as persoas na rúa e con trastorno mental poidan desenvolver un mínimo de saúde mental e ir aos recursos que xa hai" e de onde normalmente "son expulsadas", indica Rodríguez. Isto é debido a que algunhas normas dos albergues son estritas e difíciles de cumprir polas usuarias, por exemplo a prohibición do tabaco. A persoas con ansiedade ou con algún trastorno mental "é moi difícil pedirlles que non fumen", xa que "fumar é o único que che deixan facer na ala de psiquiatría".

"Intentamos traballar moitísimo con elas para intentar que se mediquen (...) achegámonos a elas e vemos o que necesitan", relata Rodríguez, que engade que "só escoitalas sen xulgalas xa é saúde mental". Ademais fan seguimento de que acoden ás citas e de que teñen os medicamentos necesarios. Ese é o primeiro paso para poder entrar nun sistema que tende a invisibilizar e culpabilizar ás persoas sen fogar e con trastorno mental. Moitas veces non teñen conciencia da enfermidade, polo que se trata dun proceso longo. "É un proceso que leva un tempo, e nese tempo sofren moitas cousas".

A importancia de ter un fogar

Estar estables é o lugar do que partir para poder acceder a un teito, e sobre todo a un fogar. Pois unha vivenda con teito pode protexernos das inclemencias do tempo e de certos perigos, pero é necesario un fogar no que as persoas poidan ter calidade de vida e dignidade, un dereito fundamental. No proceso de recuperación das mulleres sen fogar é imprescindible o acceso a unha vivenda digna, xa non como un fin senón como un medio para poder seguir mellorando.

O problema é que neste sentido -e xa a nivel de albergues- os recursos son "insuficientes" e moitas veces están "desfasados", lamenta Rodríguez, que é clara: "o sistema está mal". Para tratar de pór solución a este problema existen iniciativas como Housing First, baseada en ter vivenda primeiro, como escriben na súa web: "Ata hai poucos anos, a forma de afrontar o senfogarismo seguía un modelo de atención en escaleira. As persoas tiñan que ir superando pasos pouco a pouco: da rúa a un albergue, do albergue a un aloxamento temporal e, como último chanzo, unha vivenda permanente. Nese largo proceso, unha alta porcentaxe de persoas volvía á rúa".

En calquera caso, todos os plans de intervención ou atención que se realicen coas persoas sen fogar deben ter en conta a perspectiva de xénero. Como recalcan no estudo da Xunta de Galicia citado anteriormente: "as traxectorias de senfogarismo son diferentes entre mulleres e homes", polo que as respostas que se dan non poden obviar estas diferenzas, xa estean relacionadas co xénero, coa súa saúde ou con calquera outra característica ou situación.

NOTA SOBRE A AUTORA

Rosalía Macías Tarrío é xornalista especializada en conflitos e movementos sociais. Ademais de en medios de comunicación, ten colaborado con organizacións comprometidas coa comunicación social como AGARESO ou ASAD.

CARTOGRAFÍA SOCIAL DO DEREITO AO HÁBITAT NA CIDADE DA CORUÑA

LAURA CRUZ LÓPEZ
ROBERTO SUÁREZ BRANDARIZ

A experiencia que presentamos nace da colaboración entre Arquitectura sen Fronteiras e a Facultade de Ciencias da Educación da Universidade da Coruña, co obxecto de formar axentes multiplicadores na difusión do dereito ao hábitat. A sinerxía entre ambas entidades concretouse nunha cartografía social da exclusión residencial na cidade da Coruña, na que participaron un total de 174 estudantes de diferentes cursos, titulacións e niveis educativos; 3 docentes de áreas de coñecemento tamén distintas; e 42 entidades sociais.

EN PALABRAS de Cabrera e Rubio[1], a pobreza extrema é sempre sospeitosa e difícil de contemplar, motivo polo cal acostuma estar cargada de estigmas que atribúen a culpabilidade unicamente ás vítimas, ocultando a dimensión estrutural dunha problemática que é social. O senfogarismo representa a exclusión social máis extrema, da que só se recoñece a manifestación máis visible e estigmatizada de quen durme na rúa. O resultado final é unha completa falsificación e invisibilización da realidade; cuestión que pretendiamos mudar a través da cartografía. Para isto, propuxémonos:

- Identificar a pluralidade de situacións de senfogarismo entendido en sentido amplo (desde carecer dun domicilio ata vivir en aloxamentos e contornas que non reúnen as condicións mínimas para un axeitado desenvolvemento humano e social), cuestionando a imaxe arquetípica que se ten socialmente das persoas que padecen esta situación.
- Resituar os factores estruturais vinculados á exclusión residencial, tanto no que respecta ao

1. CABRERA, Pedro J. e RUBIO, Mª José. Las personas sin hogar hoy. *Revista del Ministerio de Trabajo e Inmigración*, 2008, núm. 75, p. 51-75.

acceso á vivenda como ao espazo público, así como a presenza de prácticas antihomeless.
- Caracterizar a rede de recursos formais da cidade da Coruña destinados ás persoas sen fogar.
- Dialogar e recoller a perspectiva de persoas sen fogar (PSF) e profesionais sobre dereito ao hábitat e espazo público.

Recollida de información e produción cartográfica

Elixiuse a cartografía social entendida como práctica socioeducativa coa que construír unha narrativa ou relato colectivo que visibilice outra maneira de relacionarnos co territorio, outras formas de coñecemento, de acceso ao mesmo, e de desafiar os relatos dominantes[2].

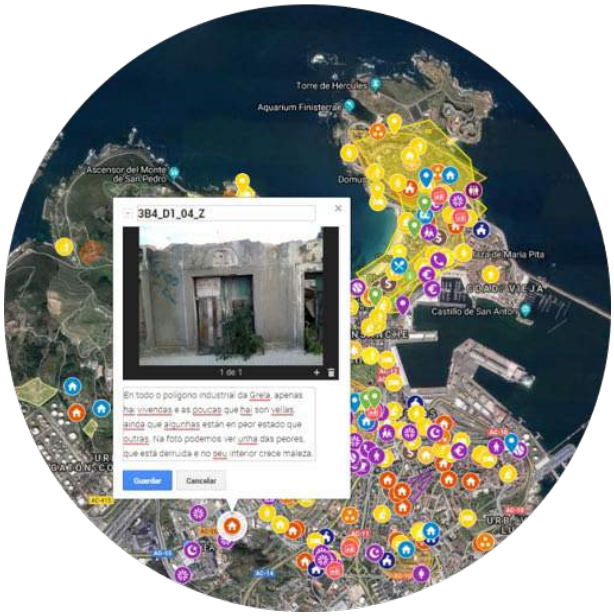
Despois de formarnos sobre dereito ao hábitat, senfogarismo e cartografía social, o alumnado de segundo e terceiro curso do grao en Educación Social, foi o encargado de recompilar información para a produción cartográfica, mediante derivas pola cidade, o rexistro de recursos e entrevistas a 24 PSF e 46 profesionais de diferentes entidades. Pola súa parte, o estudantado do itinerario de artes plásticas e visuais, do Mestrado Universitario en Profesorado de Educación Secundaria Obrigatoria, deseñou unha exposición pública cos principais resultados.

Nun percorrido total de 662 km, o alumnado identificou máis de 900 escenas de senfogarismo e factores de exclusión residencial.

A partir destes datos o estudantado de mestrado deseñou seis paneis informativos. Na imaxe 3 xuntamos os paneis referidos ao hábitat e espazo público (cor verde) e senfogarismo (cor fuxia).

Apréciase unha ampla presenza ou indicios de senfogarismo en sentido estrito (persoas durmindo na rúa ou en aloxamentos de fortuna, así como persoas sen recursos, pedindo esmola ou buscando alimentos no lixo); e tamén en sentido amplo, sendo identificadas vivendas ocupadas e precarias que serven de acubillo aínda sen reunir uns mínimos de habitabilidade. Reportáronse ademais elementos estruturais relacionados co que Bachiller[3] denomina prácticas *antihomeless*, en concreto, bancos antipersoa (nos que unha persoa non se pode recostar), espazos públicos privatizados (aos que as PSF non poden acceder). Finalmente, evidenciouse que a problemática do senfogarismo non é de falta de vivendas, como en épocas pasadas, senón dunha clara atrofia das políticas sociais[4]. En concreto, xeolocalizáronse moitos edificios e pisos abandonados.

Imaxe 1. Tracks das derivas pola cidade.



Imaxe 2. Marcas de posición de senfogarismo.

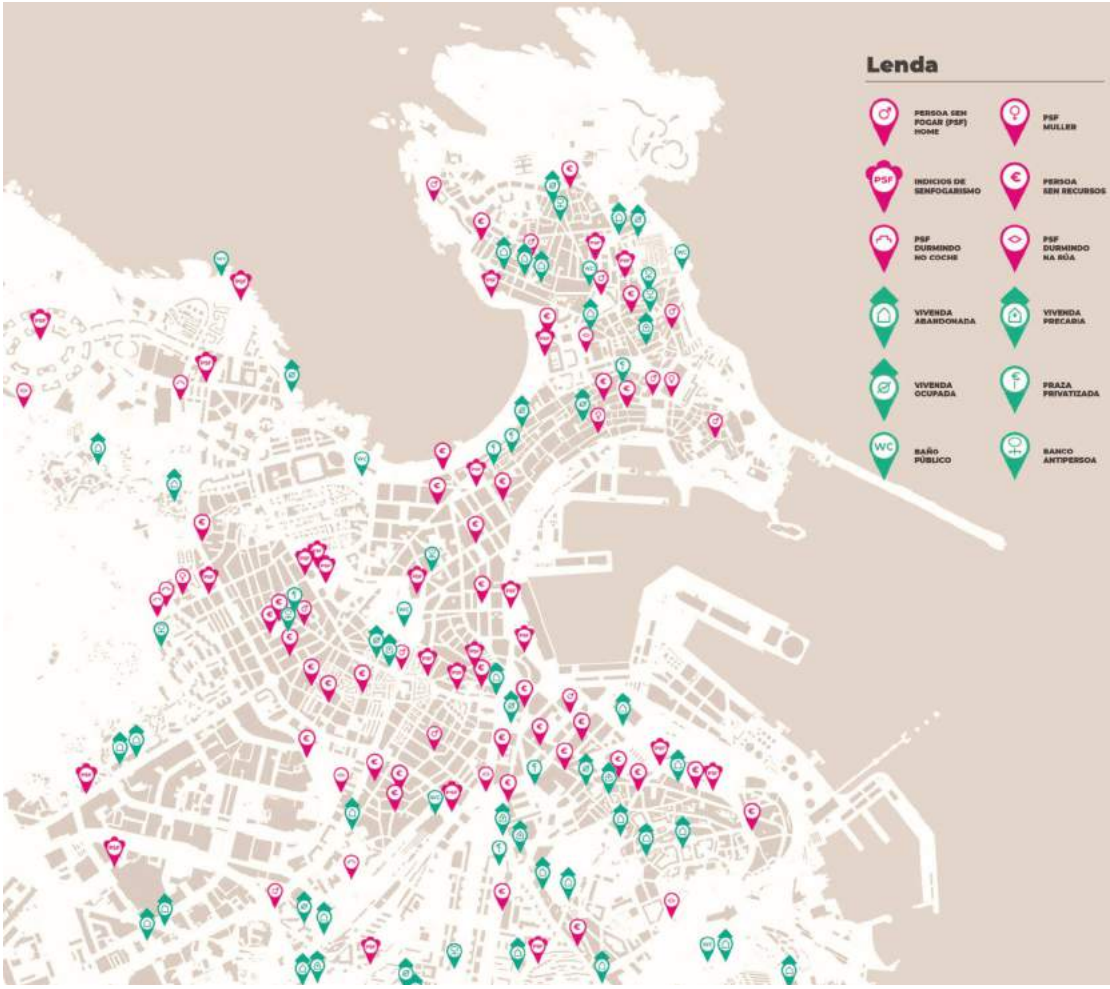
Nas derivas, o alumnado tamén foi identificando os recursos e entidades destinadas a PSF e en situación de vulnerabilidade, cumprimentando unha ficha na que se recolleron as súas principais características. Con esta información elaborouse o mapa de recursos que se amosa na imaxe, entregado a todas as entidades participantes.

A diferenza doutras cidades, A Coruña conta cunha ampla e diversa rede de recursos destinados a PSF. Identificáronse sete centros de acollida; catro centros de día e un nocturno municipal; catro entidades que dispoñen de pisos; dous equipos municipais

2. LAFUENTE, Antonio e HORRILLO, Patricia. *Cómo hacer un mapeo colectivo*. Madrid: Continta me tienes, 2017.

3. BACHILLER, Santiago. Significados del espacio público y exclusión de las personas sin hogar como un proceso de movilidad forzada. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 2009, núm. 128, p. 125-137.

4. WACQUANT, Lloïc. El matrimonio entre el workfare y el prisionfare en el siglo XXI. *Astrolabio*, 2012, núm. 9, p. 184-205.



Imaxe 3. Panel de localización de hábitat e espazo público (cor verde) e senfogarismo (cor fuxia).

específicos (de inclusión e de erradicación do chabolismo); dous comedores sociais; un servizo de emerxencias (SEMUS); e catro unidades de rúa. Recursos, en xeral, profesionalizados e con diversidade de áreas de actuación, non só asistencial. Aínda así, os axentes chave entrevistados botan en falta recursos de baixa esixencia (con requisitos menos estritos, por exemplo, poder levar mascota) e para problemas de saúde mental, así como pisos de autonomía.

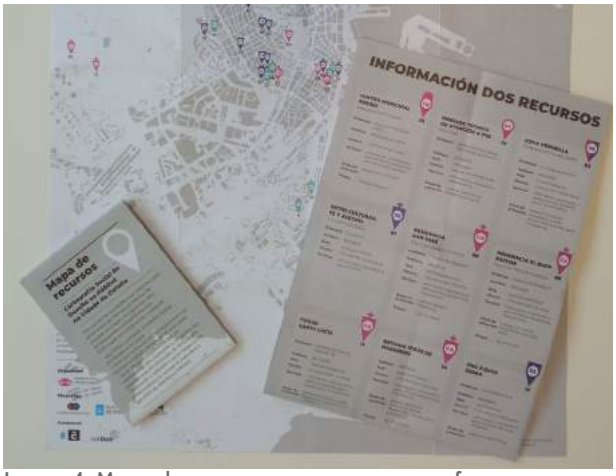
Ademais, un dos problemas detectados é que moitos recursos están concentrados na mesma zona ou situados na periferia. En certa medida, isto implica unha ocultación do problema, contribuíndo á súa invisibilización. Parece que o obxectivo é confinar ás PSF en espazos apartados, fóra da visión de quen goza dun fogar.

Nas entrevistas a persoas sen fogar e a profesionais, ademais de valorar os recursos dialogouse tamén sobre a satisfacción do dereito ao hábitat na cidade, sobre o espazo público e as principais dificultades do senfogarismo. O estudantado do mestrado tratou de reflectir a soidade, o frío, a falta de intimidade e á vez a invisibilidade, así como a precariedade extrema que padecen, nun habitáculo decorado unicamente cun saco de durmir, unha cámara de vixilancia e unhas poucas pertenzas, no que se podían ler citas textuais das entrevistas e ver un vídeo de persoas transitando día e noite pola cidade, sen pararse a mirar e falar con quen se atopa no chan.

Enténdese o hábitat como o espazo onde ten lugar a vida e as relacións das persoas co territorio. As PSF e profesionais entrevistadas reivindican o dereito a un hábitat axeitado, seguro, digno, accesible... onde desenvolver as capacidades e necesidades en diferentes ámbitos: social, político, residencial, económico, afectivo... En palabras dun rapaz de 23 anos sen fogar, o problema é que este dereito "se está violando inxustamente, nunha sociedade individualista e capitalista", ou, como a cualificou unha educadora social, "nun sistema excluínte e deshumanizado".

Exposición pública da cartografía social

Desenvolver unha conciencia crítica respecto da exclusión residencial e do dereito ao hábitat constitúe o punto de partida para solidarizarnos coas persoas que se atopan nesta situación e asumir unha responsabilidade compartida.



Imaxe 4: Mapa de recursos para persoas sen fogar.

Imaxe 5: Habitáculo das voces de persoas sen fogar e profesionais.

Imaxe 6: Cárcere Vello, A Coruña.

Imaxe 7: Escola Técnica Superior de Arquitectura (UDC).

Un grupo reducido de persoas voluntarias, tanto de grao como de mestrado, participou na preparación e inauguración da exposición. Como se pode apreciar nas imaxes, circulou por diferentes lugares, amosando a magnitude da exclusión residencial na cidade da Coruña, que non se pode reducir á súa cara máis visible, senón que é preciso cifrar o problema desde unha óptica ampla, para tomar conciencia e esixir políticas sociais e de vivenda acordes cun problema de amplo alcance.

Para rematar, compartimos a reflexión final dunha alumna en relación á experiencia:

En primer lugar, me gustaría destacar la importancia de una educación para la transformación social que posibilite que las personas desarrollen un pensamiento crítico ante las injusticias y desigualdades sociales. En segundo lugar, considero que la problemática social de sinhogarismo se ha normalizado e invisibilizado en nuestra sociedad, de modo que durante el transcurso de nuestra vida cotidiana nos encontramos con escenas que reflejan la existencia de esta problemática y, por lo general, adoptamos una actitud de indiferencia y pasividad. Por lo tanto, es fundamental adoptar una actitud activa y de denuncia ante las injusticias sociales, por lo que la sensibilización de la ciudadanía es fundamental.

NOTA SOBRE A AUTORA

Laura Cruz López é educadora social e pedagoga, docente e responsable de titulación do Grao en Educación Social (Universidade da Coruña) e membro do grupo de investigación Educación para a Cidadanía Global (Ecigal). Desde a proposta metodolóxica da investigación-acción participativa (IAP) ten participado en proxectos de animación sociocultural para a mellora da convivencia nun centro penitenciario (es.ascprision.es); ou de cartografía social para visibilizar experiencias de cidadanía global en centros escolares (emapic.es/mapacidadaniaglobal).

NOTA SOBRE O AUTOR

Roberto Suárez Brandariz é arquitecto de formación e profesor de Didáctica da Educación Artística, na Facultade de Ciencias da Educación, da Universidade da Coruña. Debaténdose nas súas dúbidas para tentar crear certezas no seu alumnado; ou ao revés?

QUEM SÃO AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA?

ANAI ADARIO HUNGARO
ANA LÚCIA RODRIGUES
MAGDA LÚCIA FÉLIX DE OLIVEIRA

O Brasil não possui dados oficiais sobre a quantificação da população em situação de rua, pois o censo demográfico decenal e as contagens populacionais periódicas coletam os dados a partir da base familiar e não incluem a averiguação da população não domiciliada, e o grupo permanece invisível ao Estado[1].

A POPULAÇÃO em situação de rua é um grupo heterogêneo, caracterizado por pobreza, vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e inexistência de moradia convencional regular, bem como por utilizar os logradouros públicos como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, ou unidades de acolhimento temporário para pernoite ou moradia provisória[2].

A ausência de dados oficiais sobre pessoas em situação de rua justifica a realização de pesquisas censitárias municipalizadas com vistas à implementação de políticas públicas voltadas para diminuir sua invisibilidade social.

Em 2018, o município de Maringá, localizado no estado do Paraná, Brasil possuía uma população estimada em 417.010 habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,808 (Ipardes, 2018). Para analisar características pessoais e fatores associados à situação de rua em pessoas que vivem nas ruas de um município do Paraná – Brasil, realizamos um estudo do tipo censitário, nos anos de 2015 a 2018, com uso de diário intensivo[3].

Quem são as pessoas em situação de rua em Maringá, Paraná, Brasil. Recenseamento de 4 anos

Os participantes eram pessoas que viviam nas ruas ou estavam em abrigos ou instituições de acolhimento em Maringá-PR, e idade superior a 18 anos no período dos censos anuais. Foram coletadas informações

1. Figueiredo EHL; Guerra DLR. [From the homeless: The criminalization of the invisible.] RIPE – Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos, Bauru. [Internet]2016 [cited2019 Mar14]; 50(66):160-76. Available from: http://ojs.ite.edu.br/index.php/ripe/article/view/265/292 Portuguese

2. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Pesquisa nacional à população de rua. Brasília: MDS, 2008.

3. Feltran GS.[Intensive diary: the question of the "adolescent in conflict with the law", in context].Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade [Internet]. 2011 [cited2019 Mar14];1: 01-44. Available from: http://revista.pgsskroton.com.br/index.php/adolescencia/article/view/261 Portuguese.

diretamente do grupo recenseado, por meio de um roteiro estruturado, com questões do perfil sociodemográfico, condições de vida nas ruas e consumo de drogas – tipo, idade média de experimentação e uso atual.

O trabalho de campo foi realizado em uma abordagem intensiva noturna (19h – 06h), em cenas urbanas de moradia das pessoas em situação de rua, e em sete dias posteriores, nos diferentes ambientes de acolhimento municipais – entidades sociais e organizações não governamentais, unidades de saúde e comunidades terapêuticas[4]. Os locais de maior circulação dessas pessoas foram estabelecidos em 12 a 14 trajetos (ruas, praças) e 10 a 12 instituições de acolhimento e/ou abrigo, anualmente.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá -PR. Os participantes assinaram o termo de consentimento para a entrevista e captura de imagem pessoal, e, na impossibilidade da assinatura (analfabetos ou sem condições físicas de assinar), o consentimento foi realizado pela impressão dactiloscópica.

Foram entrevistadas 701 pessoas: 160 (22,8 %), em 2015; 117 (16,7 %), em 2016; 177 (25,2 %), em 2017; e 247 (35,2 %) em 2018. Quatrocentos e dezoito (59,6%) eram desabrigados; 178 (25,4%) abrigados em instituições de proteção social; e 105 (15 %) informaram domicílio familiar, porém optavam pela vida nas ruas. Relataram dormir principalmente nas calçadas ou em casas abandonadas.

O tempo médio nas ruas foi de 5,39 anos (DP ± 7,48), com tempo mínimo inferior a um ano e tempo máximo de 49 anos. Os principais motivos de mobilidade para Maringá foram desemprego (29,7 %), desacordo familiar na cidade de origem (16,3 %) ou "facilidade de moradia" (9,0 %).

O aumento gradativo de pessoas entrevistadas nos anos em estudo pode indicar o aumento efetivo de pessoas em situação de rua vivendo no município, pois a mobilidade intermunicipal se deu pela busca de emprego e pelas facilidades de viver na cidade em uma década de crise econômica e aumento de desigualdade social[5]. Outro aspecto é o tempo de permanência nas ruas, em média 5,39 anos, o que pode indicar o crescimento da população de rua no município.

O processo de rualização refere-se a uma condição que se vai conformando a partir de múltiplos condicionantes, razão pela qual a intervenção junto àqueles que estão ainda há pouco tempo em situação de rua parece ser fundamental para que se logre maior efetividade em termos de políticas públicas[6].

A idade era em média de 37,7 anos (DP ± 11,43), e as idades mínima e máxima, 18 e 77 anos. A distribuição por faixas etárias mostrou que 59,6 % estavam na faixa etária de 25 a 44 anos, e 0,9 % idosos. Eram 635 homens (90,7 %), com raça/cor autorreferida por 366 como parda (52,2 %) e 95 pretas (13,6 %).

O perfil das pessoas em situação de rua de Maringá acompanha a tendência de estudos nacionais e

4. *Ibidem.*

5. Ver nota 1.

Entrevista com moradora de rua em via pública (Rua Fernão Dias, Maringá/PR.). Foto: autoras.

Entrevista com morador de rua no Pátio do CENTRO POP (Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua), Maringá/PR. Foto: autoras.

internacionais[7].O censo decenal contabilizou a população brasileira em 53 % de negros (inclui pardos) e 46 % de brancos[8].Levando em conta o mesmo método, a representação de pretos em nosso estudo é de 65,8 %, superior à representação na população brasileira.

Os motivos para viverem nas ruas foram o uso de drogas (n=331; 47,2 %), desentendimentos familiares (n=273; 38,9 %) e desemprego (n=179; 25,5 %). Em relação ao uso de drogas, 257 haviam sido internados em comunidades terapêuticas e/ou hospitais psiquiátricos.

Para a ida à situação de rua, estão presentes múltiplos fatores; dificilmente um único fator ocasionará a ida para as ruas[9]. Desentendimentos familiares e uso de drogas foram referidos como motivos para a ida às ruas, porém se questiona se a permanência nas ruas pode estar relacionada a esses achados. É preciso ter cautela ao afirmar que as pessoas estão em situação de rua devido ao uso de drogas, pois é difícil mensurar se a utilização de drogas se dá como "causa" para a situação de rua ou "consequência"[10].

No entanto, o consumo de tabaco e álcool foram de maior prevalência de uso na vida, representando 84,6% e 84,7% respectivamente e idade média de experimentação foi abaixo dos 14 anos, e o uso atual das duas drogas estava próximo de 70,0%. As drogas de abuso ilícitas de maior prevalência de uso na vida foram maconha (67,9%); crack (63,9%), cocaína (44,1%) e inalantes, (40,1%), com idades médias de experimentação situadas entre 14 e 15 anos, porém uso atual era, em ordem decrescente, de crack, maconha, cocaína inalada e outros inalantes. Das drogas de baladas ou recreacionais, foi indicado o uso na vida de anfetamina (25,4 %), medicamentos sedativos (13,5 %) e opioides/opiláceos (3,2 %), com médias de idade de experimentação entre 15 e 19 anos.

O abuso de drogas, em especial a do álcool já é tematizado em estudos sobre populações em situação de rua, em nível internacional e nacional[11]. Autores apontam a necessidade de integração entre as políticas sociais para enfrentamento às situações de rualização, destacando a importância de que seja garantido a esse segmento o acesso ao tratamento na área da saúde mental de modo articulado a outras políticas.

Apesar do álcool e do tabaco serem estatisticamente as drogas mais consumidas desse grupo populacional, o uso de crack representa um sério

6. *Ibidem.*

7. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Pesquisa nacional à população de rua. Brasília: MDS, 2008.

Tiengo VM. The Phenomenon Population in Street Situation as a Fruit of Capitalism. Textos & Contextos, 2018; 17(1):138-50. [cited 2019-03-11], Available from: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/29403/17158 e-ISSN 1677-9509. Doi. 10.15448/1677-9509.2018.1.29403

8. Cfme Brasil, 2008.

9. Cfme. Tiengo, 2018.

10. *Ibidem.*

11. Cfme. Brasil, 2008.

problema em virtude das consequências individuais, coadjuvando o cenário da rua e um desafio para as políticas públicas de saúde, principalmente para as políticas primárias de atenção à saúde, sobretudo por se observar crescente aumento na prevalência de seu uso[12].

Considerações finais

A metodologia do censo intensivo pode não atingir todos as pessoas de rua, por ser uma população flutuante – temporariamente abrigada ou deslocada temporariamente para outros municípios -, mas não se pode afirmar que em um período maior de coleta de dados seria mais eficaz, pela possibilidade de quantificá-los duplamente, ou, também, pela situação de população flutuante.

Aproximar-se dessa população e conhecer seus modos de vida possibilitou identificar aspectos peculiares, tanto para propor alternativas que possam contribuir para sua visibilidade quanto subsidiar a elaboração e implementação de políticas públicas, e contribuir, ainda, para uma visão menos estigmatizada e preconceituosa da pessoa em situação de rua.

12. Prates JC, Prates FC, Machado S. Homeless population: the precarious exclusion and inclusion processes experieced by this segment. Temporalis, Brasilia (DF), 2011[cited 2019 Mar 11], 22:191-215. Available from: file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-PopulacoesEmSituacaoDeRua-4054460.pdf

NOTA SOBRE AS AUTORAS

Anai Adario Hungaro. Enfermeira. Doutora pela Universidade Estadual de Maringá. Plantonista no Centro de Controle de Intoxicações – Hospital Universitário. Maringá, Paraná, Brasil. Trabalhou com Populações Vulneráveis durante a Pós-Graduação.

Ana Lúcia Rodrigues. Cientista Social. Doutora. Docente na Universidade Estadual de Maringá, Coordenadora do Observatório das Metrópoles. Maringá, Paraná, Brasil.

Magda Lúcia Félix de Oliveira. Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Docente na Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do Centro de Controle de Intoxicações – Hospital Universitário. Maringá, Paraná, Brasil.

PERSONAS SIN HOGAR, UNA CUESTIÓN DE DERECHOS

JOSÉ JESÚS CENDÁN VERDES
VANESSA MÍGUEZ MARTÍN
LORENA RILO PÉREZ

Todo ser humano es irrepetible y tiene derecho a vivir en dignidad y ampararse en los derechos humanos, sí como en las diferentes legislaciones que los contemplen. Cada día, algunos de estos derechos como el acceso a la salud o vivienda son vulnerados y ni siquiera son accesibles para las personas en situación de sinhogarismo.

Refugio temporal de una persona sin hogar, A Coruña. Foto: Autoras.

CON EL TÍTULO *Personas sin hogar. Cuestión de derechos* se enmarcó la XII Jornada organizada por la Oficina de Cooperación y Voluntariado (OCV) de la Universidad de A Coruña, en colaboración con el Centro Integrado de Atención Social Padre Rubinos de la ciudad. Estas jornadas surgieron en el año 2011 como parte de la formación específica del voluntariado de la OCV, que colaboraba en el proyecto de rutas realizadas por la ciudad para trabajar la autoestima con las personas sin hogar. Su objetivo es visibilizar y sensibilizar sobre una realidad oculta a plena vista y darle voz a las personas que están sin hogar. En ediciones anteriores, se focalizó la temática en cuestiones como la salud mental, la perspectiva de género o la construcción de redes. En la presente edición, celebrada a finales del mes de abril de 2021, las personas participantes centraron sus aportaciones en la cuestión de los derechos. Las personas asistentes han sido estudiantado del grado de educación social, del ciclo de integración social y profesionales en general.

La jornada se abrió con la intervención de Ana Higuera y Alejandra Martín, abogadas de la Fundación Pombo, bajo el título "Protección de las personas sin hogar durante el estado de alarma". En el análisis, realizado junto a otros despachos de diversos países europeos, se encontró con la dificultad de hallar una definición común de persona sin hogar y lo que esto conlleva a nivel jurídico. Si bien existe una definición (ETHOS) desarrollada por FEANTSA, esta no está recogida en la legislación de muchos países, incluido España. Así, se encontraron desde las que incluyen solamente a las personas que viven en la calle, hasta las que amplían la definición para aquellas que viven en albergues o en viviendas inseguras.

Por su parte, Xosé Cuns, director de EAPN-Galicia en su intervención "Comunicar sin discriminar", explicó los diferentes discursos discriminadores que van calando a nivel social y que exigen una coordinación y una implicación a nivel social, iniciándose esta acción desde el nivel personal, no dejando pasar comentarios en nuestro entorno con un claro discurso de odio. Desde la entidad que dirige, la publicación de la última edición de una guía de comunicación, permite disponer de una herramienta para no seguir profundizando en la brecha generada entre personas sin hogar y el resto de la sociedad. Cuns remarco que la lucha contra la aporofobia ha de ser constante y es un valor para seguir manteniendo en sucesivas ediciones.

Con el sugerente título "No calles. Sin hogar y con derechos" tuvo como participantes a dos miembros de la Asociación Realidades, Santiago Gimeno, técnico, y Mª Antonia Bracho con experiencia de primera mano de la dureza del sinhogarismo. Antonia participó en la creación de un rap y ella explicó la fuerza necesaria para narrar, la dureza de la vida de una mujer en la calle: "Antonia protagonista, no usuaria" como espontáneamente manifestó, a la vez que orgullosamente describió las diferentes actividades llevadas a cabo por la entidad y de las que ella participaba activamente desde hacía años.

Desde la Asociación Realidades se fomenta la autonomía y la participación activa en todos lo ámbitos de la entidad para de las personas que están sin hogar, para conseguir una integración social real. Por último, en el ámbito de derechos era necesario contar con el testimonio de quienes protagonizan la lucha ciudadana por los derechos que les son inherentes, y dicho rol estuvo representado en las jornadas por el colectivo "Os ninguéns", "los nadies" que mencionaba Eduardo Galeano en su famoso poema. Si la invisibilidad está vinculada a las personas sin hogar, la lucha por sus derechos tiene que ser apoyada por la ciudadanía en su conjunto como nos recordaba el último ponente de la jornada, Antón Bouzas, educador social y veterano activista de los derechos de la ciudadanía desde décadas atrás, quien hizo una significada intervención bajo el título de "La lucha contra la pobreza como derecho ciudadano".

La universidad, facilitadora de espacios abiertos de encuentro, continuará proponiendo anualmente la organización de estas jornadas de formación para mantener su compromiso ante las situaciones de vulnerabilidad, el afrontamiento de prejuicios y la estigmatización, tan frecuentes en este ámbito.

NOTA SOBRE LAS Y LOS AUTORES

José Jesús Cendán Verdes, director de la Oficina de Cooperación y Voluntariado de la UDC, Vanessa Míguez Martín personal técnico, Lorena Rilo Pérez personal técnico de la Oficina de Cooperación y Voluntariado de la UDC.

Facebook Instagram Twitter

XII XORNADAS DE PERSOAS SEN FOGAR

CUESTIÓN DE DEREITOS

28 ABRIL 2021

VIRTUAIS

Programa:

09.30 **Presentación das xornadas**
Eduardo Aceña. Presidente da Real Institución Benéfico Social Padre Rubinos e Pilar García de la Torre. Vicerreitora de Internacionalización e Cooperación da Universidade da Coruña.

10.00 **Protección das persoas sen fogar durante o estado de alarma.** Fundación Pombo

10.45 **Comunicar sen discriminar.** EAPN-Galicia

11:30 **Descanso**

11.45 **Non cales. Sen fogar e con dereitos**
Asociación Realidades

12.30 **A loita contra a pobreza como dereito cidadán.**
Colectivo Os ninguéns

13.00 **Clausura das xornadas**

Organiza

Oficina de Cooperación e Voluntariado Universidade da Coruña

Vicerreitoría de Internacionalización e Cooperación UNIVERSIDADE DA CORUÑA

Colaboran

FP FUNDACIÓN FERNANDO POMBO

FOTORREPORTAXE

ARTEFACTOS PARA A VIDA NA RÚA ATOPADOS NA CIDADE DE MAPUTO

TEXTO: PLÁCIDO LIZANCOS
IMAXES: XAQUÍN LIZANCOS E PLÁCIDO LIZANCOS

Os censos e catastros non acertan co número de persoas que viven en Maputo, a capital de Mozambique. Son invisibles.

Os documentos de diversas organizacións describen un continxente amplo, que sitúan nos intersticios da cidade. Son un grupo heteroxéneo. Meninhos e meninhas da rúa, anciáns, persoas desfavorecidas en xeral, inmigrantes e persoas refuxiadas, discapacitados e transeúntes. Tamén forman parte deste censo os que se aferran á rúa para facer efectivo o seu dereito á cidade.

A pegada desta xente imperceptible recoñécese aquí e aló en dispositivos, artefactos ou riscos. Trátase ás veces de sutís trazos nun pavimento, dunha marca á beira dunha vía. Ocasionalmente son artefactos de cores e formas rechamantes. En moitas ocasións son pezas que se recollen unha e outra vez cada día, para despegarse de novo coas primeiras luces do día. Noutros casos eses obxectos móvense continuadamente pola cidade seguindo lóxicas propias.

Nestes dispositivos exercítase actividade económica, ofrécense servizos, cocíñase, dórmese, ofrécense coidados ou se repoñen as forzas para o traballo.

O denominador común a todos é a vía pública. O parterre, a mediana da avenida central, a cuneta, a rotonda ... a rúa!. As fotografías mostran riscos, sinais, umbráculos, aliñamentos, marcos, zócalos, caixas e caixóns e tamén mobles ou manequíns fóra do sitio onde estamos afeitos a velos.

A reportaxe non visibiliza á xente. Non están nas fotos. Só os seus obxectos na rúa dunha cidade africana (non importa cal) e as súas preguntas: ¿quen somos? ¿Cantos somos? ¿Por que fixemos da rúa o noso hábitat? ¿Cales son os nosos dereitos?

NOTA SOBRE OS AUTORES

Plácido Lizancos (Caracas, 1962) é arquitecto e docente na Escola de Arquitectura da Coruña. Ten desenvolto proxectos de cooperación universitaria ao desenvolvemento en Mozambique.

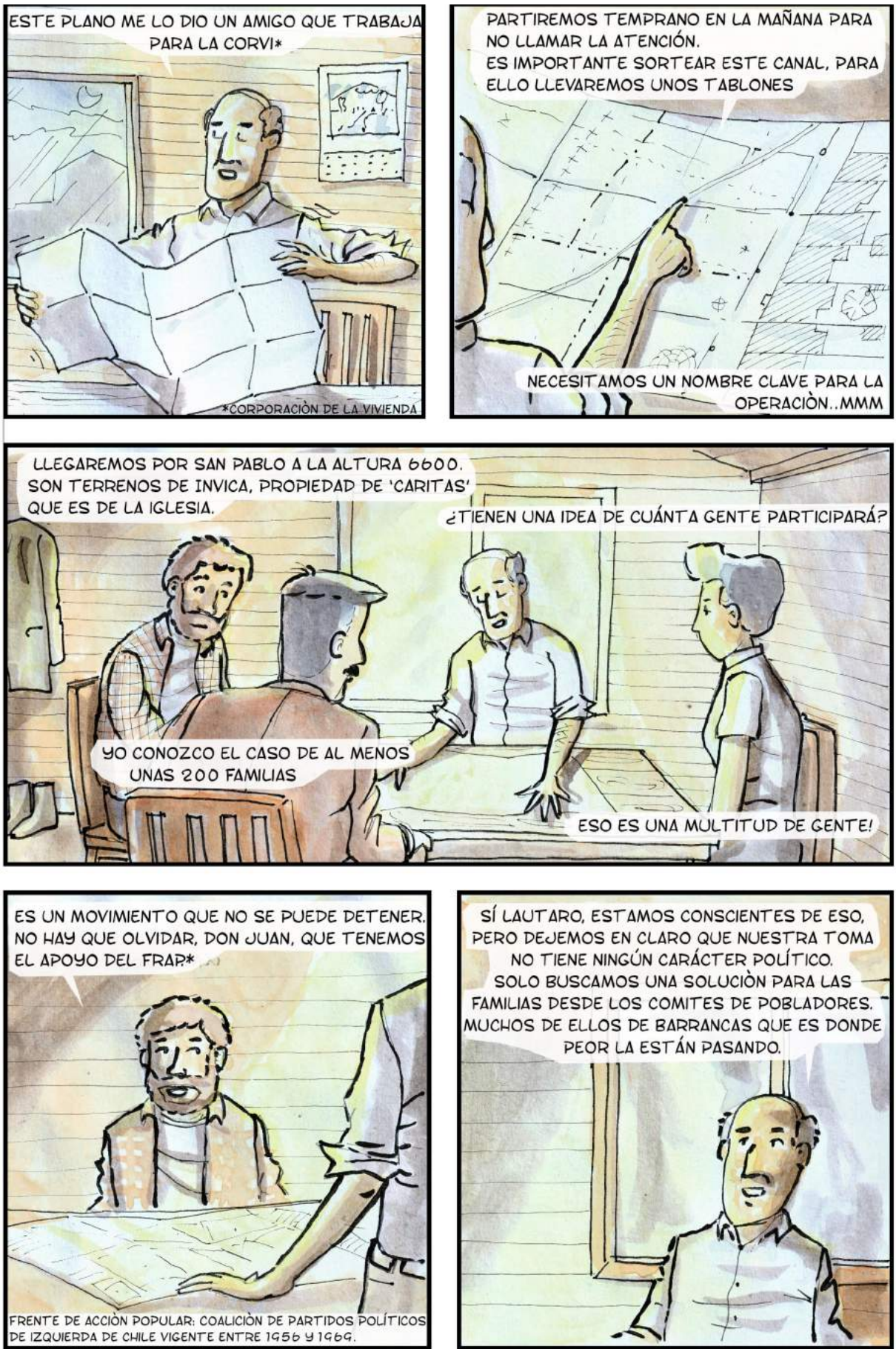
Xaquin Lizancos (Coruña, 1993) é arquitecto de interiores pola ETSAM. Traballa na actividade liberal en Catalunya. Ten participado en diversos proxectos en Mozambique, algún con Arquitectura sen Fronteiras.

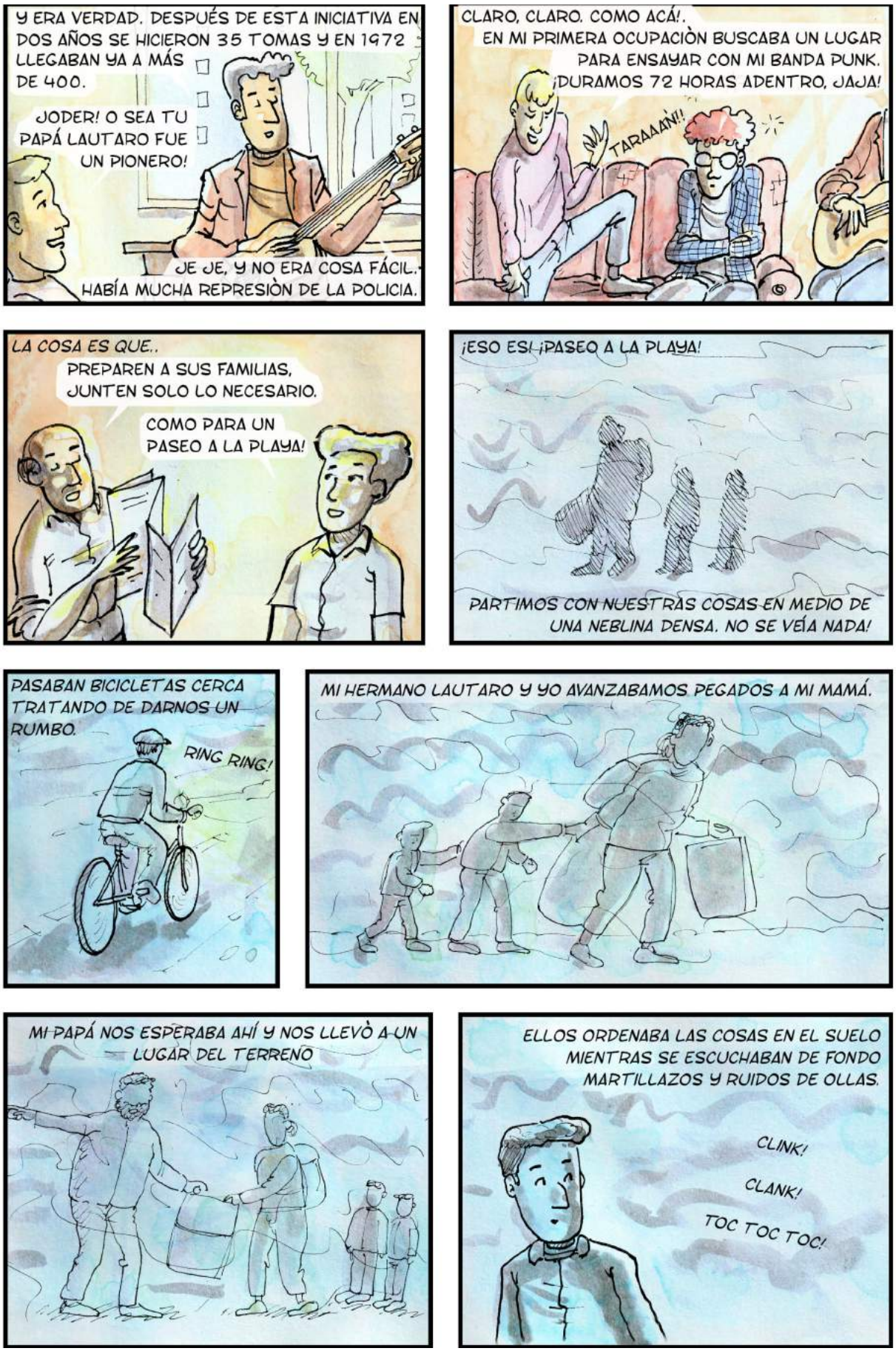
LA POBLACIÓN

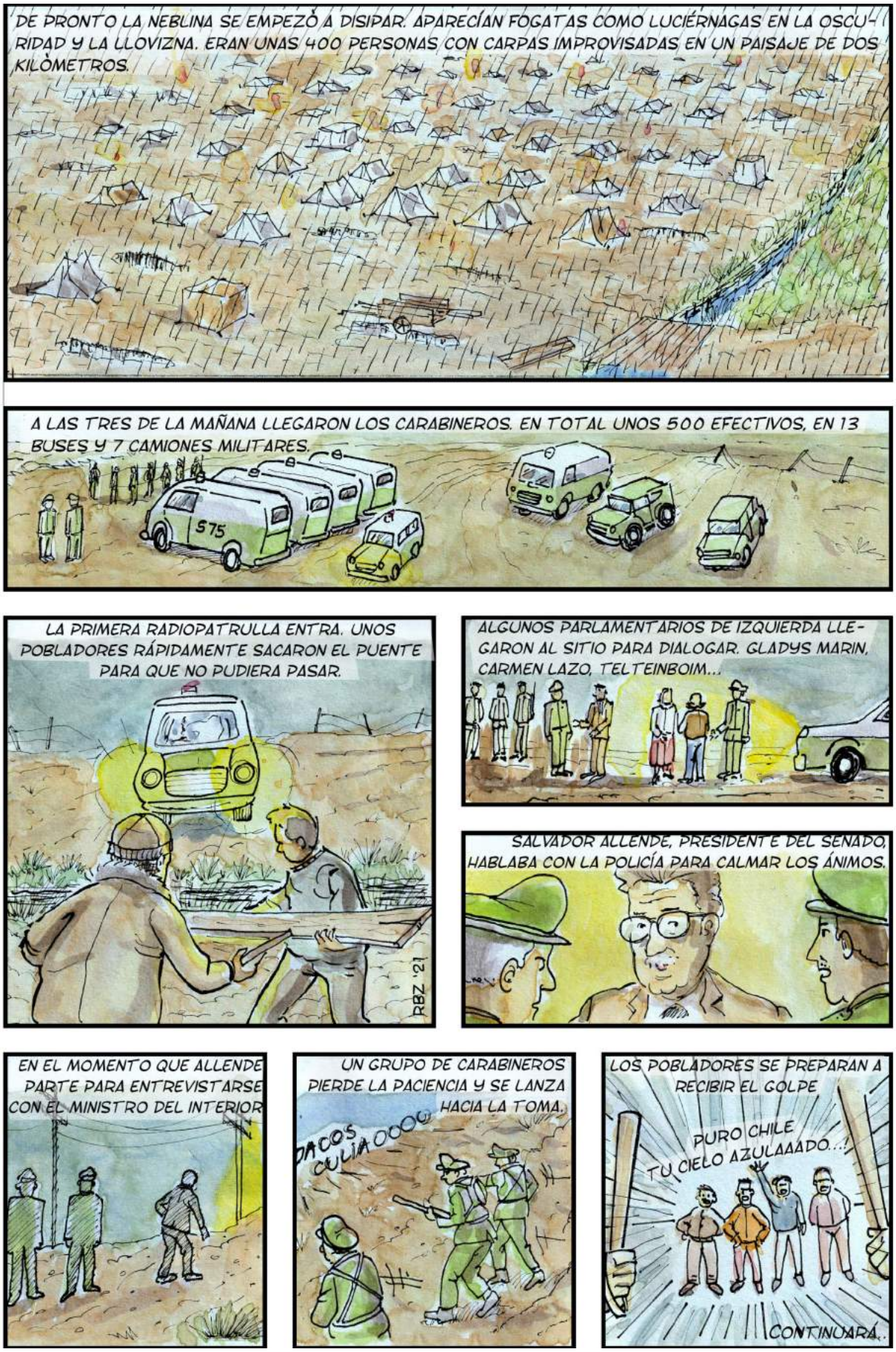
RODRIGO BURGOS ZAUTZIK

LA POBLACION - 3°EPISODIO

POR RODRIGO BURGOS ZAUTZIK


ESTE PLANO ME LO DIO UN AMIGO QUE TRABAJA PARA LA CORVI*
*CORPORACIÒN DE LA VIVIENDA
PARTIREMOS TEMPRANO EN LA MAÑANA PARA NO LLAMAR LA ATENCIÓN. ES IMPORTANTE SORTEAR ESTE CANAL, PARA ELLO LLEVAREMOS UNOS TABLONES
NECESITAMOS UN NOMBRE CLAVE PARA LA OPERACIÒN..MMM
LLEGAREMOS POR SAN PABLO A LA ALTURA 6600. SON TERRENOS DE INVICA, PROPIEDAD DE 'CARITAS' QUE ES DE LA IGLESIA.
¿TIENEN UNA IDEA DE CUÁNTA GENTE PARTICIPARÁ?
YO CONOZCO EL CASO DE AL MENOS UNAS 200 FAMILIAS
ESO ES UNA MULTITUD DE GENTE!
ES UN MOVIMIENTO QUE NO SE PUEDE DETENER. NO HAY QUE OLVIDAR, DON JUAN, QUE TENEMOS EL APOYO DEL FRAP*
FRENTE DE ACCIÒN POPULAR: COALICIÒN DE PARTIDOS POLÍTICOS DE IZQUIERDA DE CHILE VIGENTE ENTRE 1956 Y 1969.
SÍ LAUTARO, ESTAMOS CONSCIENTES DE ESO, PERO DEJEMOS EN CLARO QUE NUESTRA TOMA NO TIENE NINGÚN CARÁCTER POLÍTICO. SOLO BUSCAMOS UNA SOLUCIÒN PARA LAS FAMILIAS DESDE LOS COMITES DE POBLADORES. MUCHOS DE ELLOS DE BARRANCAS QUE ES DONDE PEOR LA ESTÁN PASANDO.


Y ERA VERDAD. DESPUÉS DE ESTA INICIATIVA EN DOS AÑOS SE HICIERON 35 TOMAS Y EN 1972 LLEGABAN YA A MÁS DE 400.
JODER! O SEA TU PAPÁ LAUTARO FUE UN PIONERO!
JE JE, Y NO ERA COSA FÁCIL. HABÍA MUCHA REPRESIÒN DE LA POLICIA.
CLARO, CLARO. COMO ACÁ!. EN MI PRIMERA OCUPACIÒN BUSCABA UN LUGAR PARA ENSAYAR CON MI BANDA PUNK. ¡DURAMOS 72 HORAS ADENTRO, JAJA!
TARAAAÑ!!
LA COSA ES QUE.. PREPAREN A SUS FAMILIAS, JUNTEN SOLO LO NECESARIO.
COMO PARA UN PASEO A LA PLAYA!
¡ESO ES! ¡PASEO A LA PLAYA!
PARTIMOS CON NUESTRAS COSAS EN MEDIO DE UNA NEBLINA DENSA. NO SE VEÍA NADA!
PASABAN BICICLETAS CERCA TRATANDO DE DARNOS UN RUMBO.
RING RING!
MI HERMANO LAUTARO Y YO AVANZABAMOS PEGADOS A MI MAMÁ.
MI PAPÁ NOS ESPERABA AHÍ Y NOS LLEVÒ A UN LUGAR DEL TERRENO
ELLOS ORDENABA LAS COSAS EN EL SUELO MIENTRAS SE ESCUCHABAN DE FONDO MARTILLAZOS Y RUIDOS DE OLLAS.
CLINK!
CLANK!
TOC TOC TOC!


DE PRONTO LA NEBLINA SE EMPEZÓ A DISIPAR. APARECÍAN FOGATAS COMO LUCIÉRNAGAS EN LA OSCURIDAD Y LA LLOVIZNA. ERAN UNAS 400 PERSONAS CON CARPAS IMPROVISADAS EN UN PAISAJE DE DOS KILÓMETROS.
A LAS TRES DE LA MAÑANA LLEGARON LOS CARABINEROS. EN TOTAL UNOS 500 EFECTIVOS, EN 13 BUSES Y 7 CAMIONES MILITARES.
S75
LA PRIMERA RADIOPATRULLA ENTRA. UNOS POBLADORES RÁPIDAMENTE SACARON EL PUENTE PARA QUE NO PUDIERA PASAR.
RBZ '21
ALGUNOS PARLAMENTARIOS DE IZQUIERDA LLEGARON AL SITIO PARA DIALOGAR. GLADYS MARIN, CARMEN LAZO, TELTEINBOIM...
SALVADOR ALLENDE, PRESIDENTE DEL SENADO, HABLABA CON LA POLICÍA PARA CALMAR LOS ÁNIMOS.
EN EL MOMENTO QUE ALLENDE PARTE PARA ENTREVISTARSE CON EL MINISTRO DEL INTERIOR
UN GRUPO DE CARABINEROS PIERDE LA PACIENCIA Y SE LANZA HACIA LA TOMA.
PACOS CULIAOOOO
LOS POBLADORES SE PREPARAN A RECIBIR EL GOLPE
PURO CHILE
TU CIELO AZULAAADO...!
CONTINUARÁ..

Crítica Urbana es una revista de estudios urbanos y territoriales para la reflexión y la acción. Un proyecto colaborativo que busca aportar experiencia crítica para la transformación de nuestros entornos de vida, con justicia social y ambiental, basado en lo común y lo colectivo.

Creemos que el conocimiento es una herramienta emancipadora. La palabra y el pensamiento crítico y riguroso son nuestros medios para contribuir a un cambio.

Crítica Urbana es gratuita, gracias a que todo el equipo aporta voluntariamente sus ideas y horas para hacer posible este proyecto.

¡Súmate!

CRÍTICA URBANA

ISSN 2605-3276

DIRECCIÓN:
Maricarmen Tapia Gómez.

EQUIPO EDITORIAL:
Jerónimo Bouza, Nadja Monnet, Maricarmen Tapia, Aníbal Venegas.

REDACCIÓN:
Emanuela Bove, Nápoles; Vicenç Casals, Barcelona; Fabiola C. de Souza Cordovil, Maringá; Miquel Domingo, Barcelona; Isabel Duque, Bogotá; Daniel Jiménez Schlegl, Barcelona; Rubén Lois, Santiago de Compostela; Alfonso Raposo, Santiago de Chile; Eulàlia Ribera, Ciudad de México; Mercè Tatjer, Barcelona.

ASESORES:

Raquel Águila, Santiago de Chile; Eveline B. Algebaile, Rio de Janeiro; Fransualdo Azevedo, Natal; Jonatan Baldiviezo, Buenos Aires; Horacio Capel, Barcelona; Marcos Bernardino de Carvalho, Sao Paulo; Nadia Casabella, Bruselas; Jeffer Chaparro, Bogotá; Patricia Corvalán, Santiago de Chile; Manuel Delgado, Barcelona; El Rogle Cooperativa, València; Lucía Escrigas, A Coruña; Álvaro Ferreira, Rio de Janeiro; Ángela A. Ferreira, Natal; Liliana Fracasso, Bogotá; Floriano Godinho de Oliveira, Rio de Janeiro; Oriol Nel·lo, Barcelona; José Luis Oyón, Barcelona; Alfredo Rodríguez, Santiago de Chile; Joao Seixas, Lisboa; José Luis Sepúlveda, Temuco; Clecio A. da Silva, Florianópolis; Ana Sugranyes, Santiago de Chile.

COLABORAN:

ANTE Análise Territorial GI - 1871 Un Grupo de Investigación da USC Universidade de Santiago de Compostela

Global Platform for the Right to the City
Plataforma Global por el Derecho a la Ciudad
Plateforme Globale pour le Droit à la Ville

Crítica Urbana. Núm. 18. Mayo 2021. Editores: Maricarmen Tapia y Jerónimo Bouza. Avda. do Seixo, 170. 15626. A Coruña.